



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Curso de Graduação em Biblioteconomia

Brenda Silva Dória

Bibliotecário Murilo Bastos da Cunha:

Uma vida e muitas lutas

BRASÍLIA

2011

BRENDA SILVA DÓRIA

Bibliotecário Murilo Bastos da Cunha:

Uma vida e muitas lutas

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alice Guimarães Borges

BRASÍLIA

2011

Dória, Brenda Silva

Bibliotecário Murilo Bastos da Cunha: Uma vida e muitas lutas / Brenda Silva Dória. – Brasília, 2011.

80 f.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Maria Alice Guimarães Borges.

Banca examinadora: Marcílio Brito, Murilo Bastos da Cunha.

Bibliografia

1. Biografia 2. Bibliografia 3. Murilo Bastos da Cunha

CDU: 929.012

Aos meus familiares,
pelo incentivo e carinho.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ana e ao meu marido Flávio que com muito amor e carinho não mediram esforços para que eu chegasse a esta etapa da minha vida.

À minha prima Lorene pelo apoio, amizade e pelas caronas para Faculdade.

À minha irmã Kellen pela ajuda, cuidado e pelas revisões gramaticais.

À professora Maria Alice pelo incentivo, compreensão e orientação que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Ao professor Marcílio pelas conversas e pela paciência que muito me ajudaram para a conclusão do curso de Biblioteconomia.

Ao professor Murilo pela disponibilidade, pela orientação e pelo exemplo de profissional que serviu de inspiração para este trabalho.

“(...) o homem faz aquilo que ele e somente ele deve fazer, com total liberdade e sob sua exclusiva responsabilidade. Por outro lado, esse mesmo homem, ao exercer uma profissão, compromete-se a fazer o que a sociedade necessita.”

Ortega y Gasset

"Quem não se atualiza se fossiliza."

Murilo Bastos da Cunha

DÓRIA, Brenda Silva. Bibliotecário Murilo Bastos da Cunha: Uma vida e muitas lutas. Brasília. 2011, 80f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RESUMO

Apresenta a evolução histórica do profissional bibliotecário no contexto da Sociedade da Informação e do Conhecimento (S.I.C), desde as necessidades que impulsionaram o surgimento dessa profissão até as revoluções tecnológicas que influenciaram a Biblioteconomia e conseqüentemente o bibliotecário no contexto mundial. Faz ainda uma análise das competências, habilidades e exigências do mercado de trabalho, reflexo das necessidades da sociedade. Apresenta a biobibliografia do bibliotecário e professor Murilo Bastos da Cunha, importante profissional da área de Biblioteconomia.

Palavras-chave: Bibliotecário. Biblioteconomia. Biografia. Bibliografia. Biobibliografia. Murilo Bastos da Cunha. Universidade de Brasília (UnB). Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). Faculdade de Ciência da Informação (FCI). Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF).

ABSTRACT

This article presents the historical evolution of the librarian professional in the context of Information Society and Knowledge (S.C.I), from the needs that drove the emergence of the profession to the technological revolutions that have influenced the Library and consequently the librarian in the global context. It has an analysis of skills, abilities and requirements of the labor market, reflecting the needs of society. It introduces the biography from the librarian teacher Murilo Bastos da Cunha, an important professional in librarian area.

Keywords: Librarian. Librarianship. Biblioteconomy. Biography. Bibliography. Murilo Bastos da Cunha. . Universidade de Brasília (UnB). Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). Faculdade de Ciência da Informação (FCI). Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Professor Murilo como Diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (UnB). Informativo ABDF 1990	39
Figura 2– Recondução do professor Murilo em 1985.....	40
Figura 3– Biblioteca da UnB vai instalar sistema de computação de dados. Correio Braziliense, 16 de setembro de 1978	421
Figura 4 – Aprovado Projeto da Videoteca. Boletim da UnB 1987.....	432
Figura 5 –BCE Atinge os 500 mil exemplares	42
Figura 6–Livro chega com festa á Biblioteca Boletim da UnB 1989	42
Figura 7–BCE reclama falta de servidores. Boletim da UnB 1989.....	43
Figura 8– Pedido de captação de recursos para BCE, 1990	43
Figura 9– A Biblioteca do novo milênio. Informativo da BCE 1998.....	44
Figura 10 – Plano de Ação da BCE de 1998 a 2001	44
Figura 11 – Murilo Bastos da Cunha, 1972	46
Figura 12– Boletim da ABDF 1971	47

LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS

ABDF	Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal
BCE	Biblioteca Central
BN	Biblioteca Nacional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior
CBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
CTA	Conselho Administrativo
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FUB	Fundação Universidade de Brasília
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INL	Instituto Nacional do Livro
MEC	Ministério da Educação
PNBU	Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias
PROTIAB	Projeto de Treinamento Intensivo para Auxiliares de Bibliotecas
PUCCAMP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
S.I.C.	Sociedade da Informação e do Conhecimento
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	14
	2.1 OBJETIVO GERAL:.....	14
	2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	14
3	METODOLOGIA.....	15
4	A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO	16
	4.1 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO (S.I.C.)... 16	
	4.2. O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO - SURGIMENTO	17
	4.3 O BIBLIOTECÁRIO NO BRASIL.....	23
	4.4. O BIBLIOTECÁRIO NOS DIAS ATUAIS.....	27
	4.5. BIBLIOTECONOMIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	31
5	BIOBIBLIOGRAFIA DO PROFESSOR MURILO BASTOS DA CUNHA	33
	5.1 DADOS PESSOAIS	33
	5.2 FORMAÇÃO	36
	5.3 CONTRIBUIÇÃO À ACADEMIA.....	37
	5.4 CONTRIBUIÇÃO À BIBLIOTECONOMIA	38
	5.5 BIBLIOGRAFIA DOS DOCUMENTOS DO PROF. DR. MURILO:	51
6	CONCLUSÃO.....	62
	REFERÊNCIAS.....	64
	APENDICE.....	67
	ANEXOS:.....	69
	ANEXO A:.....	69
	ANEXO B:.....	69
	ANEXO C:.....	70
	ANEXO D:.....	77

1 INTRODUÇÃO

O profissional bibliotecário, tem como desafio na Sociedade da Informação e do Conhecimento (S.I.C), além da formação, ter habilidades e competências exigidas em decorrência das mudanças de paradigmas e do advento da tecnologia, demandando uma nova postura dos profissionais que lidam com a informação. Esses passam a ter seu campo de trabalho ampliado e encontraram na educação continuada uma aliada para enfrentar o mercado de trabalho.

Essa pesquisa foi elaborada objetivando fazer com que o leitor entenda um pouco da história do bibliotecário desde o surgimento da profissão, passando pelo Brasil, o profissional atualmente, o curso de Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB) e a biobibliografia de um profissional da área, o Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha. A pesquisa também visa contribuir para o Projeto Memória da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB).

O bibliotecário e professor Murilo Bastos da Cunha foi escolhido como tema dessa pesquisa, tendo em vista a sua significativa contribuição para a Biblioteconomia brasileira a partir da sua atuação no ensino, publicações, pesquisas e trabalho em instituições da área.

Esta monografia foi elaborada em duas partes: a primeira aborda a história do profissional bibliotecário, e a segunda a biobibliografia de Murilo Bastos da Cunha.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Levantar e estudar a trajetória do Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha, como bibliotecário, professor e pesquisador.

2.2 Objetivos específicos:

- Escrever uma biobibliografia de Murilo Bastos da Cunha.
- Contribuir para o Projeto Memória da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB), apresentando a biobibliografia de um profissional da área que atua na Faculdade.

3 METODOLOGIA

Esta monografia é elaborada a partir de uma pesquisa documental e de uma pesquisa exploratória.

A pesquisa documental foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico com consulta a várias fontes como livros, periódicos, teses e buscas na Internet, estabelecendo uma visão geral sobre o tema.

O levantamento dos dados sobre a biobibliografia do Professor Murilo Bastos da Cunha foi realizado por meio de uma pesquisa exploratória, realizando três entrevistas com o referido professor.

4 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

4.1 Sociedade da Informação e do Conhecimento (S.I.C.)

A Sociedade da Informação e do Conhecimento (S.I.C.) é caracterizada pelo uso de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), assegurando a troca de informação, o acesso a ela e a comunicação entre indivíduos de forma rápida e eficaz.

A Sociedade da Informação representa mudança na organização mundial e está estreitamente ligada à produção do conhecimento, em que o saber ocupa o papel principal. É uma sociedade pós-industrial, com presença marcante da tecnologia. Segundo TAKAHASHI (2003, p.30):

É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura da informação disponível. [...] Tem ainda marcante dimensão social, em virtude do seu elevado potencial de promover a integração, ao reduzir a distância entre pessoas e aumentar seu nível de informação.

Para entender a Sociedade da Informação, faz-se necessário saber o significado de informação. Le Coadic (2004, p. 5) conceitua informação como “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. Assim, a partir da informação, pode-se chegar ao conhecimento que seria o resultado do ato de conhecer, sendo capaz de formar idéia sobre algo.

Nesse sentido, Araújo afirma que “a informação desempenha importante papel no desenvolvimento das nações, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento científico e tecnológico” (ARAÚJO, 1991, p. 17). Considerando esse caráter sociológico da informação, pode-se perceber seu funcionamento como um fator de democratização e inclusão social.

O conhecimento e a informação são agentes transformadores e construtores de uma sociedade:

[...] a sociedade da informação e do conhecimento é uma realidade. É uma resposta à dinâmica da evolução, ao crescimento vertiginoso de experiências, invenções, inovações, dentro de um enfoque sistêmico – onde a interdisciplinaridade é fator determinante – em franco desenvolvimento e renovador, principalmente, para países mais pobres, mais despreparados, onde se tornou uma esperança de crescimento e desenvolvimento para poderem se aproximar dos países economicamente prósperos, porém dentro de uma perspectiva de renovação de ideal [...] (BORGES, 2000, p.32).

A transformação da sociedade industrial para uma Sociedade da Informação e do Conhecimento (S.I.C.) com novas tecnologias de informação e de comunicação (TIC) hoje denominada “mudança de paradigma” afetou a biblioteconomia, principalmente com relação ao processamento da informação, aos sistemas de armazenagem de dados, as facilidades no acesso da informação e uso da informação. Borges (2000, p.30) cita algumas características da Sociedade da Informação:

- a informação é um produto, um bem comercial;
- o saber é um fator econômico;
- a distância e o tempo entre a fonte de informação e o seu destinatário deixaram de ter qualquer importância; as pessoas não precisam se deslocar porque são os dados que viajam;
- a probabilidade de se encontrarem respostas inovadoras a situações críticas é muito superior à situação anterior;

4.2 O profissional bibliotecário - surgimento

É difícil precisar o surgimento da profissão bibliotecária, pois desde que existe a necessidade de lidar com a informação e com documentos há que se ter alguém para fazer esse trabalho.

Oliveira discorre sobre as causas que levaram à necessidade desse profissional:

Com o passar do tempo, colecionar e organizar documentos deixou de ser um comportamento individual, passando a trabalho independente do indivíduo, trabalho este solicitado e mantido pelas necessidades próprias da sociedade. Surge então, por solicitação da sociedade, a profissão, isto é, o fazer humano formalizado pela necessidade social. Parece

importante salientar desde logo que, sendo essa necessidade social variável e evolutiva, também a profissão dela derivada resulta num objeto variável e evolutivo, alvo de constantes indagações e reformulações que favorecem sua sobrevivência (OLIVEIRA, 1983, p.5).

No mesmo sentido, Loureiro (2004) afirma que ao longo do tempo a humanidade se desenvolveu. Ocorreram várias descobertas e inventos e, assim novos recursos. O homem passou a registrar e a controlar cada vez mais os aspectos da sua vida, como a contagem de animais, forma de renda e outros. Dessas atividades de controle resultaram documentos. Surgem documentos ligados a criação artística e às crenças religiosas, além dos que resultam de pesquisas e estudos científicos. Nesse contexto, surge a figura da pessoa que guarda, organiza, classifica esses materiais e os recupera.

Segundo Ortega y Gasset (2006, p.53) “O livro, ao objetivar a memória, materializando-a, torna-a, em princípio, ilimitada e coloca os dizeres dos séculos a disposição de todo mundo”, logo, podemos concluir que a história do profissional bibliotecário começa paralelamente com a dos livros e das bibliotecas.

Desde a Antiguidade até o final da Idade Média foram utilizados diferentes suportes para o registro de conhecimentos como a pedra, o barro, a argila, a madeira, o linho, a seda, o papiro, o pergaminho e o papel. Com a invenção da Imprensa, em 1452, e seu desenvolvimento nos séculos seguintes, houve grandes modificações na produção, no armazenamento e na difusão dos conhecimentos.

Martins (1998) afirma que as duas primeiras bibliotecas de que se tem notícia são:

- Biblioteca de Assurbanipal, rei da Assíria que viveu no século VII a.C. e que contava com milhares de tabletas de argila com transcrições e textos dos mais variados;
- Biblioteca de Alexandria, no Egito, acredita-se que foi fundada no início do século III a.C. no reinado do faraó Ptolomeu I ou de seu filho Ptolomeu II.

Na Idade Média, as igrejas e mosteiros foram os grandes guardiões dos acervos das antigas bibliotecas. A igreja católica, por exemplo, detinha o conhecimento da época, guardando os materiais da antiguidade clássica fora do alcance do povo, em sua maioria analfabeto, e restringindo até para os monges. Desse modo, tanto a produção bibliográfica como a ordenação, armazenamento e guarda de livros eram feitas pelos religiosos, que podem ser considerados os primeiros bibliotecários.

Burke (2003, p.56) acrescenta que, após a invenção da imprensa, as bibliotecas, de uma maneira geral, aumentaram de importância e passaram a ser “centros de estudos locais de sociabilidade culta e de troca de informações e idéias, além de serem lugares de leitura.”

Ortega y Gasset (2006, p.18) afirma que:

Somente no alvorecer do Renascimento é que começa a delinear-se na área pública, a diferenciar-se dos outros tipos genéricos de vida, a figura do bibliotecário[...] é precisamente a época em que, também pela primeira vez, o livro é sentido socialmente como necessidade.

Assim, durante o Renascimento, a organização de documentos deixa de ter um caráter individual e passa a ser uma necessidade da sociedade.

Butler (1971, p.15) escreve sobre a criação das bibliotecas e a importância dos livros:

A biblioteca foi criada para atender as necessidades reais da civilização moderna. Os livros são um dos mecanismos sociais para a preservação da memória racial e a biblioteca é um aparelho social para transferir isso ao consciente dos indivíduos.

Em 1440, tem-se um marco tecnológico: a invenção da prensa tipográfica por Gutenberg, fato que revolucionou a produção bibliográfica, possibilitando a difusão do conhecimento. Outro fator que impulsionou tal fenômeno foi a mudança de orientação do pensamento ocidental, fruto das idéias do Renascimento cultural e científico, que permitiram a modificação de valores e a crescente necessidade do homem moderno de buscar conhecimento.

O Renascimento, em que cabia ao bibliotecário procurar livros, quando ainda havia relativamente poucos deles; o século XIX, em que o bibliotecário deveria fomentar a leitura, então procurando leitores, já que o livro era considerado socialmente imprescindível; e, por fim, na chamada explosão bibliográfica, em que a ele cabia estabelecer a filtragem entre o livro e o homem (FONSECA, 1979, p.102).

No Renascimento, a quantidade de livros era ínfima e o homem sente a necessidade de absorver o conhecimento, superando o limite do seu tempo e sua capacidade de assimilação; diante da visão orteguiana, o homem chega a conclusão que não se pode ler tudo o que deveria e conseqüentemente, as leituras passam a ser feitas às pressas, deixando a sensação de impotência e fracasso (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.87).

Portanto, a evolução das bibliotecas impôs a necessidade de profissionais, influenciando a profissionalização biblioteconômica e, conseqüentemente, a evolução do papel do bibliotecário. Mostra-se a necessidade das técnicas biblioteconômicas, impulsionando a profissão para um avanço cada vez maior. O bibliotecário passa a ser o principal colaborador, tanto do cientista como do pesquisador. A sociedade democrática é filha do livro, e para Ortega é o triunfo do livro (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.76).

Segundo Martins (1998, p.332), até a Renascença existiam profissionais que organizavam os materiais. Do século XV ao século XIX o bibliotecário era um profissional contratado por instituições particulares, sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor. “A profissão de bibliotecário, como atividade especializada, só apareceu no século XIX, sendo reconhecida pelo Estado como uma profissão socialmente indispensável.”

Fonseca (1979) aponta a obra do médico Gabriel Naudé (1600-1653) *Advis pour dresser une bibliothéque*, publicada em 1627, como o primeiro livro de biblioteconomia, o qual foi traduzido para vários idiomas e influenciou o contexto da época.

Martins (1998, p.323) considera que do século XVI até o XVIII, as bibliotecas sofreram um processo gradativo de mudança, caracterizado por

quatro fatores principais: “1) a laicização; 2) democratização; 3) especialização; 4) socialização.” A laicização é a libertação da pressão religiosa, caracterizada pelo acesso limitado, tanto em relação aos prédios das bibliotecas quanto aos seus materiais de consulta (livros, periódicos ou quaisquer outros); os livros, especialmente, perdem o caráter de objetos sagrados e secretos, passando a ser vistos como instrumentos de trabalho.

Fonseca (1979, p.12) nos traz alguns acontecimentos importantes que ocorreram no século XVIII:

[...] a lei inglesa de 1709 que estabelece o copirraite. Em 1712 abre-se a Biblioteca Nacional de Madrid e em 1726 o Dr. Thomas Bray (1656-1730) publica a sua *Primordia Bibliothecaria*, contendo planos de bibliotecas paroquiais na Inglaterra e nos Estados Unidos. Benjamin Franklin organiza em 1731 a primeira biblioteca pública de subscrição (na Filadélfia) e em 1740 abre-se em Londres a primeira biblioteca circulante. Em 1753, um Ato do Parlamento inglês cria o Museu Britânico, cuja biblioteca se inaugura em 1759.

A formação do bibliotecário seguiu duas correntes principais:

A linha humanista, proposta pela *École Nationale de Chartes*, fundada em Paris, em 1821.

A linha de caráter tecnicista, surgida em 1887 nos Estados Unidos com a *School of Library Economy*, fundada por Mevil Dewey, na *Columbia University* em Nova York, (Bottentuit; Castro, 2000, p.22).

Importantes avanços aconteceram no século XIX, com a criação da *Classificação Decimal de Dewey (CDD)*, criada por Mevil Dewey, bibliotecário norte-americano, em 1876. Em 1895, o advogado belga Paul Otlet fundou o *Instituto Internacional de Bibliografia*, juntamente com Henri-Marie La Fontaine. Juntos desenvolveram a *Classificação Decimal Universal (CDU)*, um tratado para organização classificação e indexação de acervos.

É importante ressaltar mais um nome da história da Biblioteconomia, o do matemático e bibliotecário indiano: Shiyali Rammarita Ranganathan, que instituiu as cinco leis da Biblioteconomia. Ranganathan foi autor do livro *The Five Laws of Library Science* (1931) no qual aborda questões

fundamentais da Biblioteconomia. Essas leis podem ser resumidas da seguinte forma (RANGANATHAN, 2009):

1. “Os livros são para serem usados” – o livro é um meio que impulsiona o conhecimento. Pode-se concluir que a importância de uma biblioteca é crucial: “quem tem informação, tem poder”. O livro pode ser encarado como um meio e não como um fim em si mesmo;
2. “Todo o livro tem o seu leitor” – destaca-se a difusão da informação. Devem-se divulgar os livros existentes em cada biblioteca. Aponta-se para a importância da divulgação do livro e da sua difusão;
3. “Todo o leitor tem o seu livro” – a Biblioteca deve conhecer bem os seus leitores, observando-os para preparar o acervo. Aponta-se para a seleção de acordo com o perfil do utilizador;
4. “Poupe o tempo do leitor” – uma boa catalogação e indexação dos documentos diminuem o tempo necessário para encontrar a informação desejada. Aponta-se para o livre acesso às estantes, o serviço de referência e a simplificação dos processos técnicos;
5. “Uma biblioteca é um organismo em crescimento” – a biblioteca deve controlar esse crescimento, verificando qual a informação que está sendo usada, através de estatísticas da consulta e empréstimo. Decorre da explosão bibliográfica que exige atualização das coleções e previsão do crescimento.

Por outro lado, Oliveira (1983, p.17) apresenta pontos-chave responsáveis pela institucionalização da profissão de bibliotecário:

A elaboração de um código de ética; a criação de associações profissionais; a elaboração de currículos acadêmicos próprios; o treinamento especializado; o desenvolvimento de um corpo teórico; um volume significativo de publicações; o trabalho ser assegurado pela legislação; o fornecimento de serviços à comunidade; a aceitação por parte da comunidade da autoridade desse profissional.

Atualmente, a profissão de Bibliotecário está enquadrada como profissão liberal pelos termos da Portaria nº 162, de 07/10/1958, do Ministério do Trabalho e, tendo como base o disposto no Art. 577 da

Consolidação das Leis do Trabalho, está compreendida no grupo 19 do plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais. A designação profissional de Bibliotecário é privativa dos Bacharéis em Biblioteconomia, a partir da promulgação da Lei nº 4084 (anexo B), de 30/06/1962, que dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício.

4.3 O bibliotecário no Brasil

As primeiras bibliotecas no Brasil foram as das ordens religiosas. A de que se tem informação é a da Companhia de Jesus, fundada pelos jesuítas, que também foram os primeiros bibliotecários, no Brasil.

O primeiro livro a entrar no Brasil foi a Bíblia usada pelo franciscano Henrique de Coimbra, na Ilha de Coimbra de Porto Seguro, para celebrar a Primeira Missa, em 26 de abril de 1500.

O Brasil sofreu influência das duas escolas de biblioteconomia: a francesa e a americana, prevalecendo, no entanto, o modelo norte americano. De acordo com Bottentuit e Castro (2000, p.23), por volta de 1940, duas escolas funcionavam no país: uma em São Paulo, inspirada nos métodos norte-americanos, e outra no Rio de Janeiro, subordinada à Biblioteca Nacional, que seguia a linha européia.

A Biblioteconomia, como área de estudo e atuação profissional, segundo Fonseca (1992, p.18):

(...) começou entre nós, numa fase de intensa re-europeização...os nossos primeiros bibliotecários tinham de ser influenciados pela Europa, como foram nossos escritores, artistas e cientistas. A essa constante da cultura brasileira não escapou - nem poderia escapar - a biblioteconomia. (...) Foram europeus os primeiros tratados e manuais de biblioteconomia lidos no Brasil.

A Biblioteca Nacional foi fundada em 1810, mas só foi aberta ao público quatro anos depois.

O início do itinerário da Real Biblioteca no Brasil está ligado a um dos mais decisivos momentos da história do país: a transferência da rainha D. Maria I, de D. João, Príncipe Regente, de toda a família real e da

corte portuguesa para o Rio de Janeiro, quando da invasão de Portugal pelas forças de Napoleão Bonaparte, em 1808. O acervo trazido para o Brasil, de sessenta mil peças, entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas, foi inicialmente acomodado numa das salas do Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março. A 29 de outubro de 1810, decreto do Príncipe Regente determina que no lugar que serviu de catacumba aos religiosos do Carmo se erija e acomode a Real Biblioteca e instrumentos de física e matemática, fazendo-se à custa da Fazenda Real toda a despesa conducente ao arranjo e manutenção do referido estabelecimento. A data de 29 de outubro de 1810 é considerada oficialmente como a da fundação da Real Biblioteca que, no entanto, só foi franqueada ao público em 1814 (www.bn.com.br, 2011).

Segundo Fonseca (1979, p.41) ainda no século XIX, por iniciativa de Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional “[...] foram realizados os primeiros concursos públicos para selecionar bibliotecários”. Ele também destaca a atuação de outro nome importante da biblioteconomia brasileira, que foi Manoel Cícero Peregrino da Silva que instituiu o curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional, em 1915, cujo objetivo era formar pessoal para própria biblioteca.

Castro (2000, p.27) relata o início do ensino de Biblioteconomia:

O ensino de biblioteconomia no Brasil teve início em 1915, na Biblioteca Nacional (BN) sem qualquer planejamento curricular e sem perspectiva de atender necessidades alheias a essa instituição. As disciplinas eram oferecidas de maneira estanque e desarticuladas, sendo condizentes com a estrutura organizacional da BN.

Müller (1985, p.4) discorre a respeito do ensino de biblioteconomia:

A Biblioteca Nacional, principal biblioteca existente no País na primeira metade desse século, esteve até 1910 alojada em prédios adaptados. Nesse ano foi transferida para um novo prédio, especialmente construído para ser sua sede. Junto com a mudança teve início uma reforma administrativa, regulada pela Lei nº 2.356, de 31 de dezembro, a qual incluiu providências para instalação de curso de biblioteconomia, de um ano de duração, com quatro disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática. O curso teve início apenas em 1915, tendo funcionado até 1922, quando foi extinto.

Os paulistas Adelpha Figueiredo e Rubens Borba de Moraes foram os primeiros brasileiros a estudar biblioteconomia nos Estados Unidos e foram os organizadores do segundo curso de Biblioteconomia a funcionar no Brasil, em 1929, no “Mackenzie College”, hoje Universidade Mackenzie, de São Paulo, inspirado no modelo norte-americano, que enfatizava os aspectos técnicos da profissão. A Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo, em 1936, criou um Curso de Biblioteconomia, no âmbito do Departamento de Cultura, onde se destaca a participação do professor Rubens Borba de Moraes. Em 1940, este curso foi incorporado à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, funcionando até a presente data. Além desse fato, na década de 1940, são várias as iniciativas para a criação do Curso de Biblioteconomia no país:

- Em 1940, com a mesma orientação norte-americana, surge o Curso de Biblioteconomia do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), sob a direção da bibliotecária Lydia de Queiroz Sambaquy;
- Em 1942 surgiu a Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), fundada pela Professora Bernadete Sinay Neves, que não era bibliotecária, mas engenheira civil;
- Em 1945 foi criada a Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), por um grupo de bibliotecários paulistas;
- Em 1947 surge a Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS);
- Em 1950 surgiu o Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), pelo esforço de alguns bibliotecários do Paraná;
- Também em 1950 surge a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cuja fundadora foi Etelvina Lima;
- Em 1954, em Pernambuco, com Edson Nery da Fonseca, foi realizado o 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, na cidade do Recife;
- Em 1965 surge o curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB).

Outro fato importante da história da Biblioteconomia é registrado por Müller (1985, p.5):

Também a atuação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD, fundado em 1954, hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, iria influenciar bastante as decisões de conteúdo dos cursos. O IBBD foi criado com muito apoio da UNESCO, que para aqui trouxe dois peritos em Documentação, Herbert Coblans (1953) e Zeferino Ferreira Paulo (1954). Os esforços de Coblans, no sentido de difundir aqui métodos e técnicas de documentação, tiveram efeito de longo prazo, com a inclusão da matéria Documentação no currículo mínimo que seria aprovado em 1962.

A formação de auxiliares de biblioteca foi intensificada com o Projeto de Treinamento Intensivo para Auxiliares de Bibliotecas (PROTIAB), implantado pelo Instituto Nacional do Livro (INL) em 1976, sob orientação de Myriam Gusmão de Martins, para capacitar pessoas leigas.

No Brasil, Castro (2000, p.3) enumera as fases da evolução histórica da profissão:

Fase I - 1879 – 1828: Movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil, de influência humanística francesa, sob a liderança da Biblioteca Nacional.

Fase II - 1929 – 1939: Predomínio do modelo pragmático americano em relação ao modelo humanista francês anterior.

Fase III - 1940 – 1961: Consolidação e expansão do modelo pragmático americano.

Fase IV - 1962 – 1969: Uniformização dos conteúdos pedagógicos e regulamentação da profissão.

Fase V - 1970 – 1995: Paralisação do crescimento quantitativo das escolas de graduação e crescimento quantitativo dos cursos de pós-graduação; busca de natureza teórica da área a partir de novas metodologias e abordagens emprestados de outros campos do saber.

4.4 O bibliotecário nos dias atuais

Novas tecnologias de informação, especialmente no campo da informática, revolucionaram o conceito de informação no fim do século XX. Armazenamento, tratamento, conservação e recuperação podiam ser feitos automaticamente e as redes de informação permitiam uma difusão informacional nunca vista. O próprio modelo de informação também se transformou. Antes orientado para o bibliotecário em um trabalho individual e voltado a acervos, aos poucos foi se direcionando para o usuário e considerando a perspectiva de trabalho coletivo, tomando como base o próprio fluxo informacional (LE COADIC, 2004).

Como em todas as profissões, também existe um estereótipo sobre o bibliotecário, que infelizmente parece não ser das melhores, inclusive do seu status. Almeida Júnior (2003) comenta os estereótipos que:

[...] vem acompanhando esse profissional ao longo do tempo: o tricô; a má vontade no atendimento; o excesso de burocracia; a morosidade; a falta de trabalho ou do que fazer na biblioteca; as ordens expressas em tons ditatoriais; o mau humor; a cara de poucos amigos (carranca); a idéia de que todos devem conhecer o jargão e as normas utilizadas pela área e, lógico, outros aspectos que você pode estar identificando e que não foram apresentados acima.

A imagem do bibliotecário ainda está atrelada a da biblioteca, apesar da profissão ter mudado o seu foco em grande parte.

Baptista (1998, p.34) explicita sobre a imagem do bibliotecário:

Na literatura, o termo profissional da informação tem apresentado uma relação direta com a profissão de bibliotecário. Ao longo dos anos, a Biblioteconomia, assim como as outras áreas do saber, vem buscando seu reconhecimento social. No entanto, é fácil perceber que a sociedade brasileira tem uma imagem sobre o bibliotecário que não condiz, necessariamente, com o que ela representa para a área da organização e disseminação da informação e suas contribuições para a educação e cultura. Os bibliotecários têm as bibliotecas como um mercado legalmente protegido, porém outros profissionais pertencentes à família dos “profissionais da informação” disputam o mercado da informação. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações, são eles: documentalista, arquivistas e analistas de informação.

Baptista (1998, p.28) constata que uma parte significativa dos profissionais da informação está trabalhando atualmente em organizações “não biblioteca” como o ensino, editora, arquivo, museu e consultoria.

O bibliotecário, objetivando ser efetivamente um profissional da informação exigido pelo mercado, precisa de uma consistente formação técnica, de uma base em conceitos, teorias e metodologias, além da necessidade de adquirir uma abordagem econômica, direcionada à:

[...] eficiência e lucratividade nos serviços públicos, a geração de recursos voltadas para clientes, bem como ser um profissional capaz de interagir com o mundo do trabalho atual, com uma especialização adequada, uma integração organizacional, uma capacidade de trabalhar em equipe, com atitudes comportamentais, somando a formação com a educação continuada e o aprendizado autônomo (OLIVEIRA,1983, p.45).

Tarapanoff (1997, p.23) discorre a respeito do aprendizado do profissional bibliotecário:

O profissional da informação deve ter um desempenho superior e depende de um aprendizado superior. O aprendizado, além de formal, foge da esfera restrita das escolas para ser desenvolvido e praticado nas organizações sociais em geral. O treinamento em serviço e a educação continuada, a serem buscadas pelo próprio indivíduo, devem basear-se na observação e necessidades do dia-a-dia, e estarem norteadas para a qualidade do conhecimento. O aprendizado exige a integração do indivíduo no seu próprio trabalho, visando os objetivos organizacionais e buscando na educação formal e informal a sua atualização e reciclagem.

Segundo Mason (1990, p.125) a função básica desse profissional é “disponibilizar a informação certa, da fonte certa, para o usuário certo, no prazo certo, numa forma considerada adequada para o uso e a um custo justificado pelo seu uso”.

Com a ocorrência de grandes mudanças sociais provocadas pelo avanço tecnológico, a informação se torna muito mais valiosa e estrategicamente importante para a sociedade, devido a isso o profissional da informação deverá estar apto para fazer a ponte entre a informação e o seu usuário, selecionando a informação pertinente e os suportes adequados.

A educação continuada configura-se, mais do que nunca, como uma ferramenta de extrema importância, devido à grande modificação e constante transformação do mercado de trabalho, principalmente para o profissional bibliotecário. A crescente exigência de qualificação profissional e o surgimento de novos profissionais que também lidam com a informação e que acabam assumindo cada vez mais o campo de trabalho do bibliotecário, pressionam-no a buscar melhor qualificação profissional e a acompanhar as mudanças tecnológicas que acontecem de modo muito mais rápido.

Le Coadic (1997, p. 112-113), tratando das atividades dos profissionais da informação, enfatizou como qualificações a serem desenvolvidas por esses profissionais, os seguintes itens:

- Avaliar, planejar, vender e fazer funcionar redes locais de comunicação de informação em instituições;
- Administrar unidades de informação e implantar programas de gerenciamento de informação para informatizá-las;
- Procurar, preparar, resumir e editar informações de natureza científica e técnica;
- Dirigir a redação de revistas científicas em empresas de editoração;
- Organizar (adquirir, registrar, recuperar) e distribuir informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela.

Wormell (1999, p.8) observa as várias habilidades que o profissional da informação deve possuir:

[...] facilitar o uso da informação; navegar entre sistemas de conhecimento e fontes de informação; oferecer consultoria e aconselhamento para problemas de informação; examinar e oferecer um ótimo gerenciamento de recursos de informação; oferecer serviços de tradução entre várias línguas; traduzir sistemas técnicos e culturais entre si; transformar dados e favorecer o fluxo de dados entre sistemas; conectar contextos sociais e culturais; educar/treinar os usuários;prover esclarecimentos sobre recursos de informação; oferecer suporte às políticas de informação para as estratégias da organização.

Um aspecto importante da profissão é o caráter liberal que ele pressupõe a realização de serviços de ordem predominantemente intelectual. Conforme o artigo 6º da Lei 4.084 de 1962 (ver anexo B) são atribuições dos bacharéis em Biblioteconomia:

A organização direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas privadas concernentes às matérias e atividades seguintes:

- a) o ensino da biblioteconomia;
- b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;
- c) a administração e direção de bibliotecas;
- d) a organização e direção dos serviços de documentação;
- e) a execução dos serviços de catalogação e de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

Atualmente a área de trabalho para o bibliotecário é mais abrangente do que está na lei. A Era Digital o transformou em profissional da informação:

Discutir o perfil profissional do bibliotecário hoje é discutir a função profissional no atual contexto social, que exige que a prática profissional se modifique para atender expectativas novas e diversificadas que emergem da sociedade. Tornam-se necessárias novas competências e atitudes e isto é indissociável da questão da formação profissional, pois os traços almejados para compor o perfil fornecem as diretrizes para o estabelecimento das necessidades básicas de aprendizagem (MÜELLER, 1989, p.63-64).

[...] também passa a ser cobrado a investir em seu aperfeiçoamento contínuo, seja este aperfeiçoamento pela via da educação continuada e/ou por aprendizado autônomo; por sua capacidade de articular e aprofundar conhecimentos que respondam às demandas do setor produtivo, ou por sua capacidade de transferir para o trabalho sua vivência profissional e sociocultural. A qualificação profissional passa a ser um “fator coadjuvante”, mas não determinante do sucesso profissional, uma vez que a estas se aliam à trajetória de vida do profissional (antes mesmo de sua formação acadêmica), suas aptidões culturais, profissionais, políticas e sociais (ARRUDA; MARTELETO; SOUZA, 2000, p.21).

Para Marchiori (2002), aos profissionais da informação “tradicionais” (arquivistas, bibliotecários, museólogos, profissionais dos meios de comunicação de massa, informáticos) agregaram-se outros, ditos

“emergentes”, cujas denominações no mercado de trabalho indicam forte interação de habilidades e conhecimentos técnicos e gerenciais disponíveis na área de profissionais de informação e de outras áreas, tais como educação, marketing, história, administração, economia (web designers, engenheiros de conteúdo, arquitetos de informação, entre outros).

Cabe, nos dias atuais, a esse profissional acompanhar e evoluir junto com a profissão, transformando-a e definindo seu rumo. O mais importante não é quem detém a informação e sim quem a passa, quem a dissemina e como faz isso, possibilitando ao usuário o acesso e o uso. Cabe ao profissional bibliotecário, trabalhando em uma biblioteca ou não, ser dinâmico e acompanhar as constantes e rápidas mudanças, principalmente na área de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).

4.5 Biblioteconomia na Universidade de Brasília-UnB

Borges (2006, p.69) nos fala sobre os primeiros passos dados para a criação da Universidade de Brasília (UnB):

Em 1960, um grupo de educadores e cientistas, liderados por Darcy Ribeiro, começou a debater a criação de uma universidade em Brasília. A concepção dessa nova proposta, inspirada nos ideais de educadores brasileiros que buscavam a democratização do ensino público ,teve como criador o grande pensador Anísio Teixeira, apoiado por Cyro dos Anjos e outros.

Mesmo estando prevista no projeto original de Brasília, a construção da Universidade de Brasília (UnB) enfrentou muita oposição dos políticos da época. Em 15 de dezembro de 1961, o então presidente da República, João Goulart, sancionou a Lei 3.998, que autorizou a criação da Universidade de Brasília:

Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou oficialmente sua universidade federal. Inaugurada em 21 de abril de 1962, a Universidade de Brasília (UnB) já funcionava desde o início do mês, exatamente no dia 9, nas dependências do Ministério da Saúde, na Esplanada dos Ministérios. A data marcou o começo das aulas para os 413 alunos que haviam prestado o primeiro vestibular e, com ele, o da própria instituição

que viria a se tornar uma das mais bem conceituadas do Brasil (www.unb.br, 2011).

O Plano Orientador da UnB estabelecia o funcionamento integrado de oito institutos centrais (matemática, física, química, biologia, geociências, ciências humanas, letras, artes), de sete faculdades (ciências agrárias, ciências médicas, tecnologia, ciências políticas e sociais, arquitetura e urbanismo, educação, biblioteconomia) e de cinco órgãos complementares (biblioteca central, editora, radiodifusora, estádio, museu) (BORGES, 2006, p.69).

Com o golpe militar em 1964, que instalou a ditadura, a Universidade de Brasília (UnB) passou por um período difícil:

a instituição brasileira já era tida por setores extra-universitários como um foco do pensamento esquerdista, visão essa que só se acirrou com os militares. E, por estar mais perto do poder, foi uma das mais atingidas. Universitários e professores foram taxados de subversivos e comunistas. Comentava-se que havia uma tendência marxista na UnB, liderada pelos professores mais jovens e idealistas (www.unb.br, 2011).

Em outubro de 1965, o *campus* foi invadido e as aulas foram interrompidas, fato que se repetiu em 1968 e 1977.

No ano de 1965 é fundada a Faculdade de Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB).

5 BIOBIBLIOGRAFIA DO PROFESSOR MURILO BASTOS DA CUNHA

5.1 Dados pessoais

A biobibliografia do Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha, trata da sua trajetória de vida e de lutas, para construí-la.

Como um primeiro passo para um estudo mais profundo, foram levantados os aspectos mais importantes da sua vida, do ponto de vista dos seus dados pessoais, formação, contribuição à Academia, contribuição à Biblioteconomia, acompanhado da bibliografia de seus documentos.

Nascido no dia 18 de abril de 1946, na cidade Tombos, MG- Minas Gerais, Murilo Bastos da Cunha, filho de Custódio Souza Cunha e Irene Bastos Cunha, casado com Inácia Rodrigues dos Santos Cunha, também bibliotecária, e pai de Bruno, Anna Lúcia e Carolina. Morou na fazenda de seu avô materno Sebastião, junto com sua família, até os cinco anos de idade, quando seu pai resolve abrir um armazém em uma pequena vila chamada Varre Saia, hoje município de Purilândia, no estado do Rio de Janeiro.

Aos 8 anos Murilo e sua família voltam para Tombos e nesse mesmo ano seu pai vem a falecer, então Murilo sua mãe e sua irmã vão morar com seus avós no Rio de Janeiro. Ele fez seu curso primário na escola pública Afonso Pena, no bairro da Tijuca (RJ), participou do coral da escola e ganhou uma medalha e um diploma da Força Aérea Brasileira por ter escrito a melhor redação da escola e melhor desenho na Semana da Asa. Teve de trabalhar desde os 12 anos.

Em 1959 começou a trabalhar na farmácia de seu tio Maninho e com o salário que recebia comprou seu primeiro livro “As maiores coisas do mundo” de Edgar de Carvalho. Freqüentava a Biblioteca Pública do Rio Comprido (RJ) duas vezes por semana e também a Biblioteca da Embaixada Americana.

Em 1962 aos quinze anos vai para a Região Administrativa do Núcleo Bandeirante no Distrito Federal (DF) para morar com seu tio Armando Bastos. Estudante do Colégio Dom Bosco, assistia as aulas pela manhã e trabalhava na farmácia Nova Capital de seu tio à noite. Em 1963 Armando volta para o Rio de Janeiro, porém Murilo opta por ficar, passando a morar nas dependências do Colégio Dom Bosco e a trabalhar na biblioteca do colégio, convivendo assim com o bibliotecário formado pela Biblioteca Apostólica Vaticana, o padre José de Vasconcellos, um grande intelectual. Com isso, inicia-se seu interesse e sua trajetória pela Biblioteconomia.

Foi na Biblioteca do Colégio Dom Bosco que ele viu pela primeira vez o Classificação Decimal Universal (CDU). Outro fato importante observado por Murilo quando trabalhava na biblioteca do colégio Dom Bosco deve ser ressaltado, ele notou que as melhores notas eram das turmas que freqüentavam a biblioteca, percebendo a relação entre biblioteca e qualidade do aprendizado.

No ano de 1965, com a extinção do segundo grau do Colégio Dom Bosco, Murilo cursa o terceiro ano no colégio Elefante Branco.

Nesse mesmo ano, aos dezoito anos Murilo foi contratado pela Biblioteca Central (BCE), da Universidade de Brasília (UnB) como auxiliar de biblioteca e passou a ser secretário do então diretor da biblioteca Abner Vicentini. Nesse mesmo ano assistiu a aulas do curso de Biblioteconomia como aluno especial, junto com a primeira turma do curso.

No ano de 1966 prestou vestibular para Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB), passando em primeiro lugar, onde foi aluno de notáveis professores como: Abner Vicentini; Astério Campos; Cordélia Cavalcanti; Edson Nery da Fonseca e Rubens Borba de Moraes (padrinho de casamento de Murilo). Participou do Centro Acadêmico sendo redator e impressor (mimeógrafo) do Boletim Informativo Calímaco (referência ao bibliotecário da Biblioteca de Alexandria) e foi na graduação que conheceu e se casou com sua atual esposa, Inácia.

Formou-se em 1968, pois naquela época o curso tinha a duração de três anos. Sua formatura não aconteceu no Auditório Dois Candangos Universidade de Brasília como era comum, e sim no auditório da Petrobrás,

devido a um certo temor causado pela da Ditadura Militar, era dezembro de 1968 e o Ato Institucional 5 (A.I.5) tinha sido aprovado naqueles dias.

Em 1969 foi contratado como bibliotecário pela Biblioteca Central (BCE), onde já trabalhava como auxiliar de biblioteca; lá ficando até dezembro de 1972. Chefiou a seção de circulação, a Divisão de Auxílio aos usuários e o primeiro núcleo de automação.

Em 1973 foi trabalhar como chefe da biblioteca, que estava sendo montada, do Ministério de Minas e Energia a convite de Abner Vicentini, com quem já havia trabalhado na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, em 1976, com a saída de Abner, Murilo assumiu seu cargo como diretor do Centro de Documentação do Ministério. Nesse mesmo ano iniciou o curso de mestrado em Administração de Bibliotecas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), juntamente com sua esposa Inácia que por dois anos foi sua colega no mestrado e com seu filho recém-nascido Bruno. Murilo relembra que no último ano do mestrado ele ia de ônibus na sexta-feira à noite a Belo Horizonte para conversar com sua orientadora e retornava domingo de manhã para Brasília. Porém antes de defender sua dissertação, foi contratado pela Universidade de Brasília na qualidade de professor do Departamento de Biblioteconomia Foi o primeiro aluno a defender uma dissertação de mestrado na UFMG, que durou cinco horas e após doze dias já estava nos Estados Unidos para começar o doutorado em *Library and Information Science* na Universidade de Michigan em 1979, tendo defendido sua tese sobre base de dados no Brasil que mais tarde foi publicada sob a forma de monografia pela Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF). Murilo coloca algumas das vantagens do ambiente privilegiado em Michigan na década de 70:

- Rede de bibliotecas com mais sete milhões de volumes;
- Acesso facilitado aos bancos de dados Dialog e Orbit;
- Terminal ligado ao computador central (os microcomputadores só foram lançados no fim de seu curso);
- Uso de impressora a laser;
- Cabine individual na biblioteca central.

Após defender sua tese voltou para UnB continuando a dar aulas na graduação e começando na pós-graduação. Fez seu pós-doutorado em Ciência da Informação também na Universidade de Michigan de 1996 a 1997, onde presenciou o surgimento da biblioteca digital. Murilo acredita que estudando no exterior se conhece mais do seu próprio país, consegue-se enxergar o que o Brasil tem de bom e ruim.

Alguns dos projetos desenvolvidos por ele foram marcantes como o *Boletim da ABDF* em 1969 (mimeografado), procurando servir de veículo de comunicação junto aos associados; e a *Revista de Biblioteconomia de*

Brasília, RBB, que teve origem a partir de uma discussão entre ele, Briquet de Lemos e Aníbal Coelho, no auditório da biblioteca do Instituto Nacional do Livro (INL) por ocasião de um curso de especialização. Em 1975 participou de um grande projeto, o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, que contou com a elaboração de quase 100 pessoas, entre bibliotecários, alunos, funcionários contratados e um público de 1200 participantes, exercendo o cargo de secretário-geral e foi esse Congresso que possibilitou à Associação de Bibliotecários de Brasília (ABDF) a compra de sua sede.

Desde maio de 1999, ele vem recusando cargos em instituições devido a um problema cardíaco que teve. Isso fez com que se dedicasse mais a lecionar e as pesquisas e assim, em 2008, conseguiu terminar o projeto no qual trabalhou por quinze anos, consultando mais de 250 obras, dos quais os cinco primeiros anos juntamente com Cordélia Cavalcanti, o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, e tem planos para lançar uma nova edição.

O professor crê que sua experiência profissional acrescenta muito em sala de aula e de todas as atividades que exerceu tem preferência pela profissão de professor e pesquisador, mesmo elas não tendo um retorno direto.

Murilo acredita na importância da união entre cultura e técnica na profissão de bibliotecário e também em manter-se atualizado. Diz que o conhecimento tem que ser repassado. Ele ainda é colunista dos blogs: A Informação [<http://a-informacao.blogspot.com/>] que é um blog português, Biblioteca e Bibliotecário [<http://bibliotecadobibliotecario.blogspot.com/>] e Infohome [<http://www.ofaj.com.br/colunistas.php?cod=27>] onde tem uma coluna mensal, que são um desafio para se manter atualizado. Gasta pelo menos uma hora por dia, todos os dias na internet. Possui Twitter e Facebook, mas afirma que não os acessa muito por falta de tempo.

5.2 Formação

- 1966 – 1968: Graduação em Biblioteconomia. Universidade de Brasília-UnB.
- 1975 – 1975: Especialização em Especialização em Biblioteconomia em Minas e Energia. Universidade de Brasília (UnB).
- 1976 – 1978: Mestrado em Ciências da Informação Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Brasil. Título: Necessidades de informação do geólogo em Minas Gerais, ano de obtenção: 1978.

Orientador: Maria Lúcia Garcia. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Palavras-chave: Informação Científica; Geociências; Estudo de Usuários. Grande área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Ciência da Informação / Subárea: Biblioteconomia.

- 1979 – 1982: Doutorado em Library and Information Science. University of Michigan. Título: Effects of databases on Brazilian libraries, ano de obtenção: 1982. Orientador: Victor Rosenberg. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Palavras-chave: Base de Dados; Biblioteca Especializada; Biblioteca Universitária; Automação de Bibliotecas. Grande área: Ciências Sociais Aplicadas/Área: Ciência da Informação.
- 1996 – 1997: Pós-Doutorado. University of Michigan. Orientador: Ann Arbor. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Grande área: Ciências Sociais Aplicadas/Área: Ciência da Informação.

5.3 Contribuição à Academia

Como professor de Graduação do curso de Biblioteconomia desde 1978 até presente data lecionou as seguintes disciplinas:

- Estudo de usuários;
- Bibliografia especializada;
- Serviços de Informação;
- Monografia;
- Reprografia;
- Classificação;
- Referência;
- Mecanização e automação;
- Bibliografia de Ciência da Informação e Tecnologia;
- Informática Documentária;
- Informática Aplicada aos Processos Bibliográficos.

Como professor da Pós-Graduação em Ciência da Informação de 1982 até a data atual ministra as disciplinas:

- Fontes de informação;
- Estudos de usuários;
- Estágio docente;
- Seminário sobre Sociedade da Informação.

As áreas de interesse de suas pesquisas, são:

- Informação científica e tecnológica,
- Biblioteca digital, estudo de usuários,
- Bibliotecas universitárias,
- Tecnologia da informação,

Participa e lidera o Grupo de Pesquisa da Faculdade de Ciência da Informação sobre Biblioteca Digital desde de 2000.

5.4 Contribuição à Biblioteconomia

O Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha tem uma participação interinstitucional, relacionada a área de Ciência da Informação, com vários organismos:

- **Fundação de Amparo à Pesquisa de Estado de São Paulo (FAPESP)**

2005 – Atual: Consultor *ad hoc*, Enquadramento Funcional: Consultor *ad hoc*.

Consultor *ad hoc* na área de Ciência da Informação.

- **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**

1996 – Atual: Colaborador, Enquadramento Funcional: Consultor *ad hoc*.

Consultor *ad hoc* na área de Estudos Sociais Aplicados/Ciência da Informação.

- **Universidade de Brasília (UnB)**

1978 – Atual: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Professor titular, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

05/2010 – Atual: Conselhos, Comissões e Consultoria, Conselho de Administração. Membro do Conselho de Administração, representando a Faculdade de Ciência da Informação.

04/2007 – Atual: Conselhos, Comissões e Consultoria, FCI, Membro da Comissão de Pós-Graduação.

05/2001 – Atual: Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Ciências da Informação e Documentação. Membro da Comissão de Pós-graduação.

01/2000 – Atual: Pesquisa e desenvolvimento, Faculdade de Ciência da Informação. Líder do Grupo de Pesquisa em Biblioteca Digital, cadastrado no CNPq.

01/2000 – Atual: Atividades de Participação em Projeto, FCI. Projetos de pesquisa: Biblioteca digital.

4/1982 – Atual: Ensino, Ciências da Informação, Nível: Pós-Graduação.

3/1978 – Atual: Ensino, Biblioteconomia, Nível: Graduação.

06/2007 - 12/2008: Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria; Membro da Comissão para reestruturação dos serviços da Biblioteca Central.

08/2000 - 11/2005: Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria, Reitoria/Conselho de Informática.

02/2002 - 02/2003: Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria; Membro da comissão de planejamento do plano de desenvolvimento de infra-estrutura institucional de pesquisa.

11/1997 - 7/1999: Direção e administração, Reitoria, Biblioteca Central; Diretor de Unidade (ver Anexo D)

10/1994 - 10/1995: Direção e administração, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Ciências da Informação e Documentação; Chefe de Departamento.

10/1990 - 10/1994: Direção e administração, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados; Diretor de Unidade.



Figura 1– Professor Murilo como Diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (UnB). Informativo ABDF 1990

10/1986 - 10/1990: Conselhos, Comissões e Consultoria, Reitoria, Editora Universidade de Brasília; Membro do Conselho Editorial.

5/1985 - 10/1990: Direção e administração, Reitoria, Biblioteca Central; Diretor de Unidade.

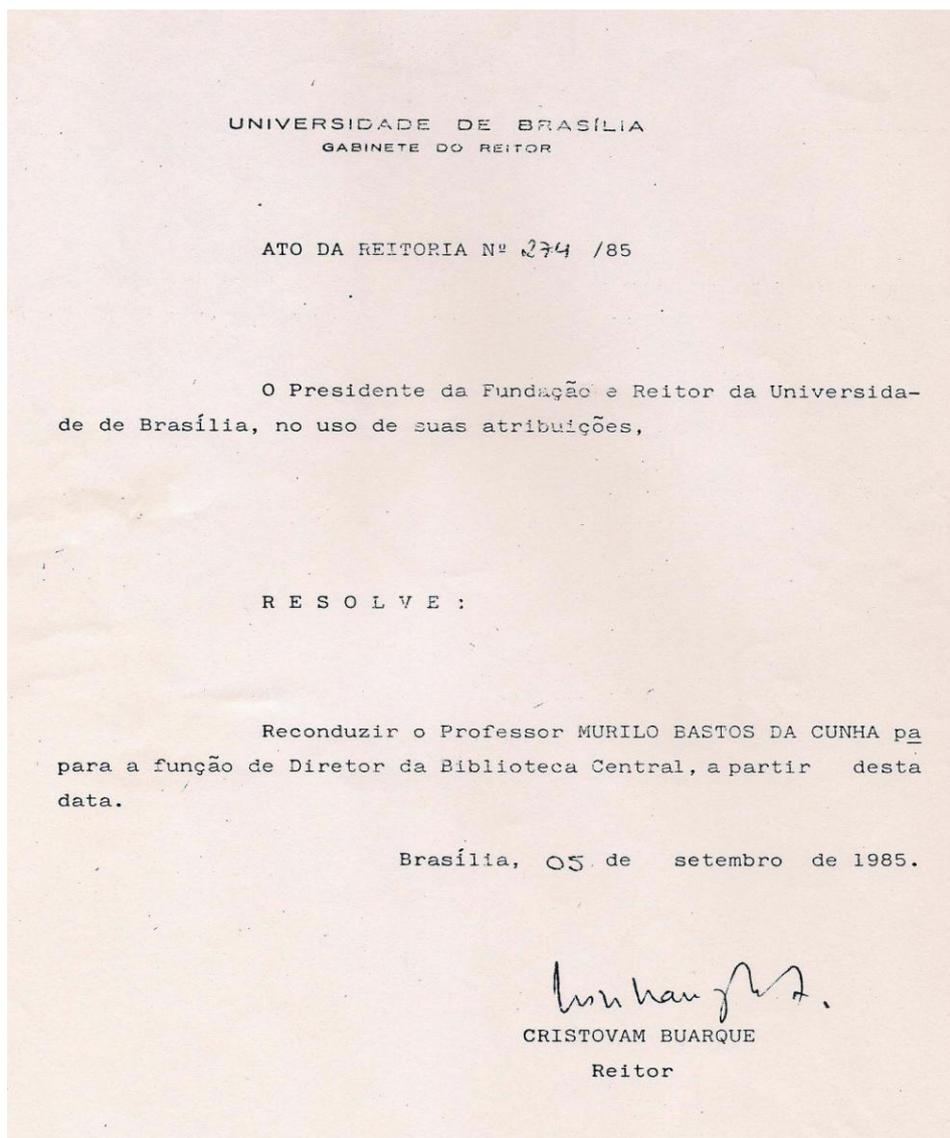


Figura 2– Recondução do professor Murilo em 1985

06/1982 - 10/1982: Extensão universitária, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Ciências da Informação e Documentação. Atividade de extensão realizada; Coordenador do Seminário Brasileiro de Biblioteca Escolar. Federação Brasileira de Associações de bibliotecários, FBAB.

2007 – 2007: Membro da Comissão de Avaliadores do XXII CBB, Carga horária: 10. Membro da Comissão de Avaliadores do XXII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, realizado em Brasília de 8 a 11 de julho de 2007. Instituto Brasileiro de informações em Ciência e Tecnologia, IBICT.

2006 – 2010: Membro do Conselho Técnico Administrativo (CTA) do IBICT.

2007 – 2008: Membro do Comitê Organizador do II Seminário de Informação na Internet, a ser realizado em Brasília, em 2008.

2006 – 2006: Membro da Comissão Organizadora do Seminário de Informação na Internet, realizado em Brasília, em 2006.

08/2006 – Atual: Membro do Conselho Técnico-Científico.

06/2000 - 07/2000: Membro do Conselho Técnico Científico do IBICT.

Algumas reportagens digitalizadas da a respeito da Biblioteca Central (BCE) no período em que Murilo era chefe da mesma:

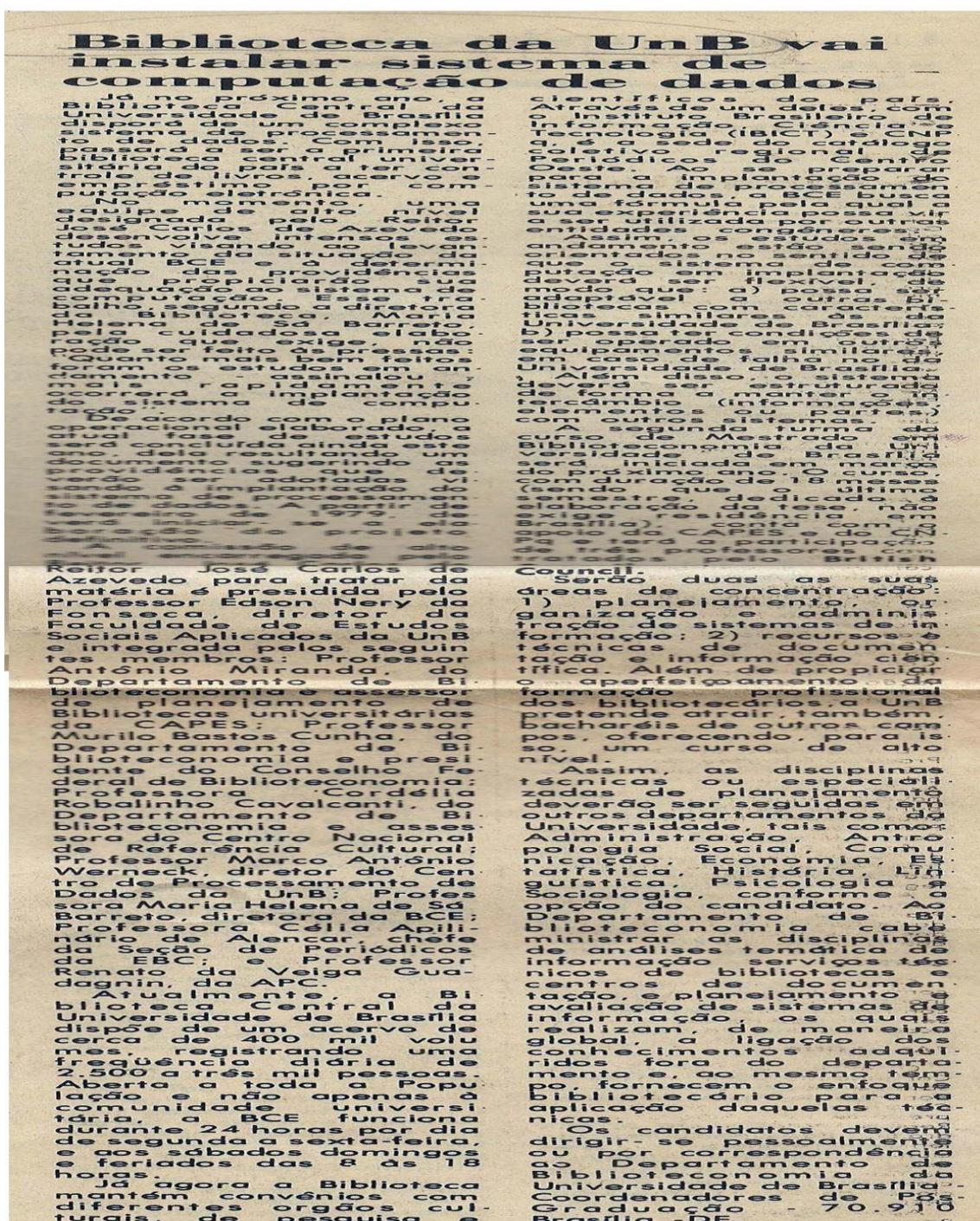


Figura 3– Biblioteca da UnB vai instalar sistema de computação de dados. Correio Braziliense, 16 de setembro de 1978



Aprovado Projeto da Videoteca

Até abril de 1988, estará instalado o novo serviço que a Biblioteca Central vai prestar aos seus usuários: a Videoteca. O projeto já foi aprovado pelo Conselho Diretor e prevê a instalação de equipamentos para utilização do vídeo como instrumento de informação e de apoio às atividades de ensino e pesquisa, além de preservar a memória visual da Universidade de Brasília. O diretor da BCE, professor Murilo Bastos da Cunha, assinala que a instalação da Videoteca chega na hora certa: o movimento de vídeo na UnB está em pleno desenvolvimento e vai começar a funcionar o Centro de Produção Cultural e Educativa (CPECE). Enquanto a Videoteca não está em operação, a seção de Multimeios já tem condições de atender a comunidade universitária com acervo de fitas cassetes, filmes, discos e partituras musicais. A seção promove também cursos e exibições coletivas ou em cabines individuais. Página 3

Figura 4 – Aprovado Projeto da Videoteca. Boletim da UnB 1987

BCE atinge os 500 mil exemplares

“O fosso da informação está se ampliando. O pesquisador, professor e estudante enfrentam grandes dificuldades diante da pobreza documental das bibliotecas universitárias”. A advertência é do professor Murilo Bastos Cunha, diretor da Biblioteca Central (BCE), ao defender a necessidade de maiores investimentos para ampliar o acervo e facilitar o acesso à informação.

Ele cita o caso específico da UnB em que seu plano diretor previa em 1962 que, dez anos depois, a biblioteca teria um milhão de exemplares. O exemplar número 500.000 – o livro “Extensão Rural, Desenvolvimento e Democracia”, de Romeu Padilha de Figueiredo – foi catalogado pela equipe da Biblioteca Central (foto) no dia 14 de julho deste ano.

Recuperação – O professor Murilo informou que a UnB está incluída no projeto de recuperação parcial dos acervos bibliográficos das instituições federais de ensino superior, elaborado pelo MEC. O projeto prevê investimentos de 12,6 milhões de dólares para aumentar em cinco por cento, durante três anos, o acervo das bibliotecas das universidades federais. Para a UnB estão programados investimentos de 640 mil dólares para aquisição de mais de 11 mil livros. A ampliação dos acervos das demais bibliotecas inclui a aquisição de livros publicados pela Editora da UnB.

O estudo do MEC destaca que a Unesco constatou a média de 50 livros por estudantes nas bibliotecas universitárias da África, na década de 70, recomendando como meta chegar a 75 volumes por aluno na década de 80. No Brasil apenas duas instituições, a UnB e a Escola Superior de Agricultura de Mossoró, têm média acima de 40 livros por estudante. Para o professor Murilo, a colocação na UnB com média de 56,5 nesse ranking é “uma honra ilusória. Não podemos nos contentar com a pobreza e devemos lutar para ter, no mínimo, o padrão africano”. Segundo ele, nos Estados Unidos e Canadá a média é de 220 livros por estudante. Somente a biblioteca da Universidade de Harvard possui 11 milhões de exemplares.

Segundo o professor Murilo, a UnB investiu 625 mil dólares para a renovação de assinaturas de periódicos estrangeiros. Mas esse valor representa apenas a metade do investimento da Unicamp e um quarto do total aplicado pela USP com o mesmo objetivo.



Livro chega com festa à Biblioteca

O dia foi de festa na Biblioteca Central (BCE). Em 14 de julho do ano passado, seu acervo total atingiu 500 mil volumes. O fato do plano diretor da UnB prever que em 1972 o acervo seria de um milhão de exemplares não tirou o brilho da festa. Um dos mais empolgados, apesar de consciente da necessidade de maiores investimentos para ampliar o acervo e facilitar o acesso à informação, era o professor Murilo Bastos Cunha, que desde abril de 1985 ocupa o cargo de de diretor da BCE.

Formado em Biblioteconomia pela UnB, onde trabalha desde 1965, primeiro como bibliotecário, depois como professor, Murilo fez mestrado na Universidade federal de Minas Gerais e doutorado na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Em sua gestão na BCE, ocorreram outros avanços, além do crescimento do acervo que fechou o ano passado com mais de 506 mil volumes. Entre as inovações estão a montagem da Sala de Microformas e a incorporação de cerca de 14 mil teses xerografadas sobre a América Latina. Também foi aprovada a instalação da Videoteca.

As primeiras são resultado da doação de um milhão e 500 mil dólares pela Xerox do Brasil. Na Sala de Microformas estão a coleção completa em microfilmes de 620 títulos de periódicos internacionais sobre diversas áreas do conhecimento, 14 leitoras de microfilmes e três leitoras copiadoras.

Sob a direção do professor Murilo, que cobra também investimentos para suprir a deficiência de pessoal técnico – o quadro de funcionários diminuiu apesar do aumento do acervo e dos serviços prestados. Tornou-se ainda biblioteca-base na região Centro-Oeste do Programa de Computação Bibliográfica (COMUT). São mais de 60 mil cópias por ano de material de seu acervo ou solicitado de outras bibliotecas integrantes do COMUT.

Figura 5 –BCE Atinge os 500 mil exemplares. Boletim da UnB1988

Figura 6– Livro chega com festa à Biblioteca. Boletim da UnB 1989

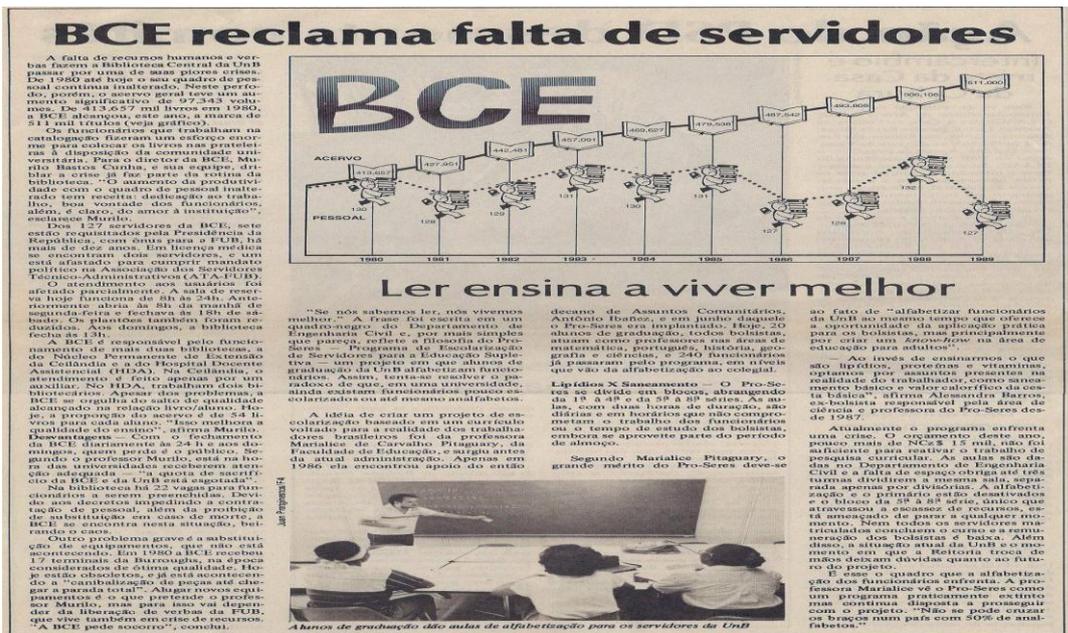


Figura 7 – BCE reclama falta de servidores. Boletim da UnB 1989

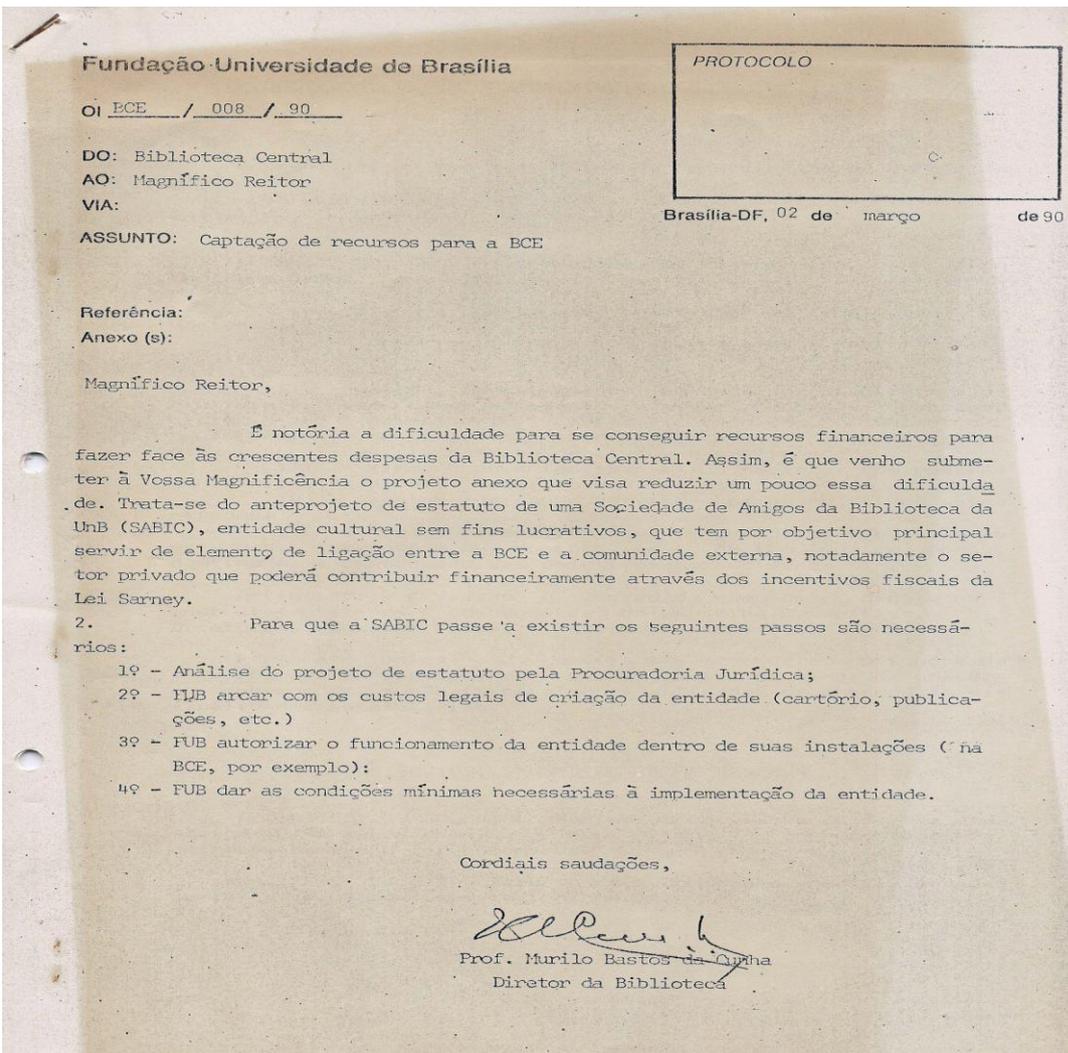


Figura 8– Pedido de captação de recursos para BCE, 1990

A Biblioteca do novo milênio

Tomou posse no dia 26.11.97, na Direção da Biblioteca Central, o Professor Murilo Bastos da Cunha e hoje, passados cinco meses de sua posse, podemos avaliar que seu pronunciamento de posse está sendo posto em prática. Vários projetos estão em desenvolvimento na BCE, onde a atualização do Sistema de Informática é a grande preocupação em modernizar os serviços prestados, agilizando desde o setor administrativo ao atendimento de usuários. Entre as tantas atividades, a Direção está re-editando seu Boletim Informativo, **BCE VIVA**, que pode ser visto mensalmente na página inicial (home page) da Biblioteca e em suas dependências.

A BCE tem apresentado números fantásticos em suas atividades como: 1.100 empréstimos diários, resultado da ampliação da informatização que já atinge diversos setores e mais de 2.400 pedidos de solicitação de cópias de documentos mensais, feitos via e-mail (bceref@unb.br). Outros setores da Biblioteca são bastantes solicitados como: auditório, salas de aulas, reprografias, sistemas de consultas e salas de leitura. Outro aspecto que dinamizou as atividades da BCE foi o de recursos humanos, com a vinda de novos servidores, dos bolsistas e dos



prestadores de serviços. Sem dúvida alguma, a BCE se prepara para o novo milênio.

As dificuldades são muitas e o momento é crítico para as universidades. É um momento de transição no ensino superior e as instituições terão que se adequarem e modernizarem-se, encontrar fórmulas competentes para transpor os obstáculos, ou estarão sujeitas ao sucateamento científico, tecnológico e até mesmo intelectual.

Figura 9 – A Biblioteca do novo milênio. Informativo da BCE 1998.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA REITORIA BIBLIOTECA CENTRAL

PLANO DE AÇÃO DA BIBLIOTECA CENTRAL (BCE) DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

Período: out/1998 a out/2001

TRABALHO ELABORADO POR:

Murilo Bastos da Cunha
Francisco Raimundo de Castro Guimarães

Diretor da BCE
Coordenador do Plano de Ação

EQUIPE TÉCNICA:

Ana Beatriz Feijó Rocha Lima
Célia Regina Silva
Douglas Duarte Silva
Eudásio Moreira de Sousa
Francisca Mesquita Lima
Joana Gerda Zeuner Fagundes
Julio Lobo Bloch
Moema Malheiros Pontes

COLABORADORES:

Diemes Batista da Silva
Flamarion Antônio de Araújo Costa
Sandro Herman Pereira Rehem

Figura 10 – Plano de Ação da BCE de 1998 a 2001

- **Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)**

Essa fase não foi fácil pois os conselhos regionais ainda não tinham infra-estrutura física e precisavam ser implantados na maioria dos estados. Uma das lutas que infelizmente não logrei êxito, foi a de tentar alterar a lei número 4.084/62 visando congregar, sob a égide de um único conselho profissional, as diversas áreas profissionais ligadas à informação documental e também abrigar os pós-graduados em Ciência da Informação que não possuíam a graduação nessa área (Cunha, 1994, p.13)

1972/78: Conselheiro e Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia.

**COMPOSIÇÃO DA 3ª GESTÃO DO
CFB 1972 A 1975**

PRESIDENTE: MURILO BASTOS DA
CUNHA

ABNER LELLIS CORREA VICENTINI
ADDA DRUGG DE FREITAS
CECILIA ANDREOTTI ATIENZA
DENISE HELENA FARIAS DE SOUZA
DINORA LIMA DE ASSIS QUARESMA
ETELVIMA LIMA
FRANCISCA FIGUEIREDO LUNA DE
ALBUQUERQUE
MARIA DAS GRACAS DE LIMA MELO
MARIO FERREIRA DE LUZ
NANCY WETPHALEN CORREA
ZILDA GALHARDO DE ARAÚJO

SUPLENTES:
VANDA SUAIDEN
MOEMA FIGUEIREDO BRASILEIRO
CLARA MARIA GALVÃO



Figura 11 – Murilo Bastos da Cunha, 1972

**COMPOSIÇÃO DA 4ª GESTÃO DO
CFB 1975 A 1978**

PRESIDENTE: MURILO BASTOS DA
CUNHA

NANCY WESTPHALEN CORREA
 ADDA DRUGG DE FREITAS
 ANNA DA SOLEDADE VIEIRA
 CECILIA ANDREOTTI ATIENZA
 JAHYRA CORREA SANTOS
 MARGARIDA MARIA DE ANDRADE M.
 LIMA
 MARIA ELIZABETTE D'OLIVEIRA
 LANANDE
 MARIA ISABEL SANTORO BRUNETTI
 MARIA SALETE DE ALMEIDA
 GERIBELLO
 MYRIAM GUSMÃO DE MARTINS
 OSMAR BETTIOL
 PAULO PY CORDEIRO
 VERA AMALIA AMARANTE MACEDO

SUPLENTES:
 LINDAURA ALDAN ORUJEIRA
 MARIA LAURA DA CUNHA LION
 FRANCISCO FIGUEIREDO LINA DE
 ALBUQUERQUE
 ANIBAL RODRIGUES COELHO

• **Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF)**

1973 – 1975: Secretário da Regional de Biblioteconomia de Brasília.

1969 – 1971: Vice-presidente (1969-70) e Presidente (1971).

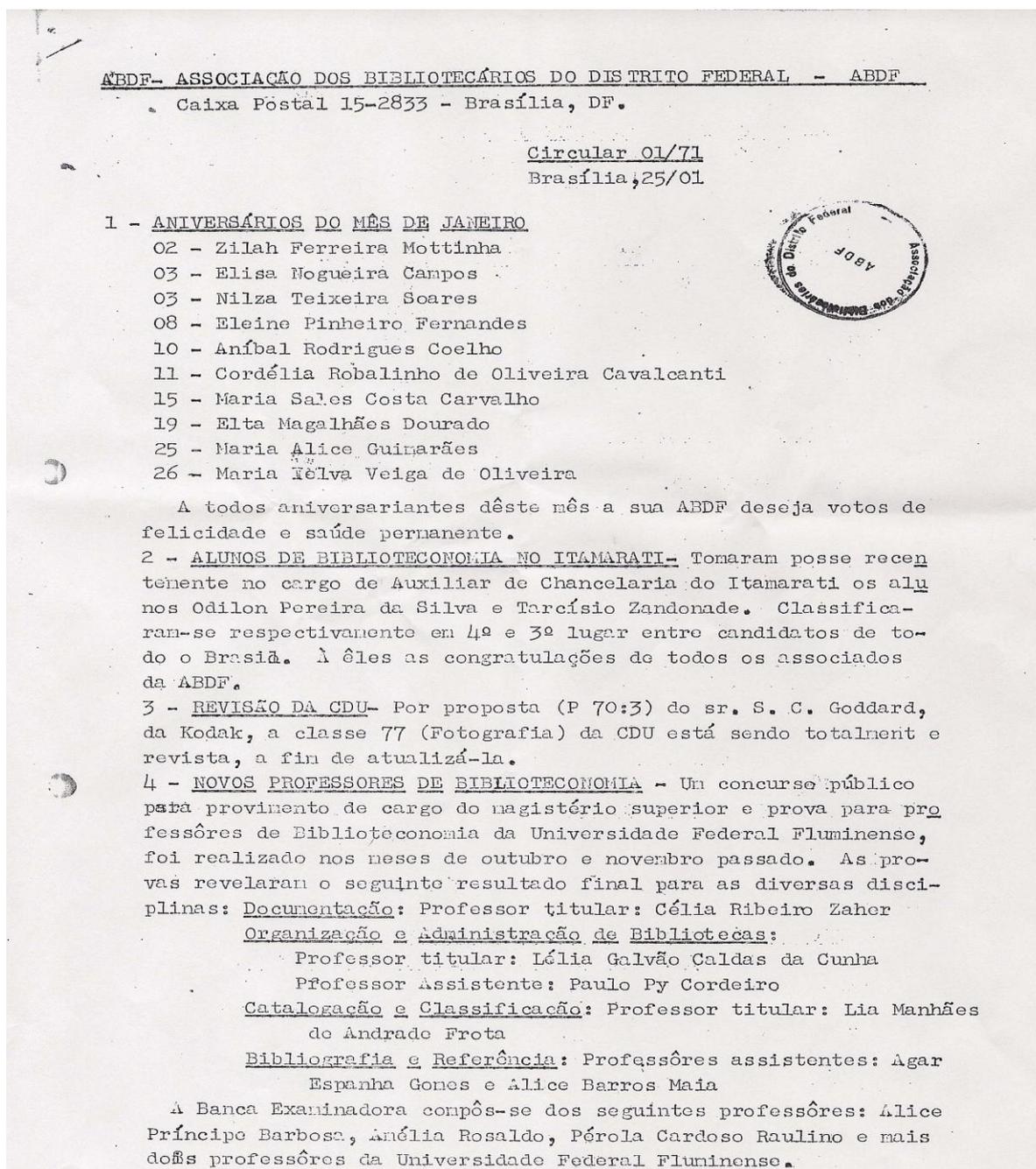


Figura 12- Boletim da ABDF 1971

- **Atividades técnico-científicas**

01/1986 - 10/1986: Presidente do II Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática.

01/1984 - 10/1984: Presidente do Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática.

01/1975 - 07/1975: Secretário-Geral do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (Brasília, 1975).

1973 – 1975: Secretário da Revista de Biblioteconomia de Brasília.

- **Ministério da Educação (MEC)**

1986 – 1990: Assessor do Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (MEC/SESU/PNBU).

- **Membro de corpo editorial**

2004 – 2009 Períódico: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação

2005 – Atual Períódico: International Journal on Digital Libraries

1999 – 2005 Períódico: Liberpolis. Revista das Bibliotecas Públicas

1993 – 1995 Períódico: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação

2006 – Atual Períódico: Arquivística.net

2008 – 2010 Períódico: Perspectivas em Ciência da Informação

2010 – Atual Períódico: Palavra Clave (Argentina)

- **Revisor de periódico**

2000 – Atual Períódico: Ciência da Informação

2006 – Atual Períódico: Perspectivas em Ciência da Informação

2006 – Atual Períódico: Transinformação

2004 – Atual Períódico: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação

2007 – Atual	Periódico: Arquivística.net
2007 – 2007	Periódico: Encontros Bibli (UFSC)
2008 – Atual	Periódico: Informação & Sociedade. Estudos
2008 – 2008	Periódico: Informação & informação (UEL. Online)
2005 – Atual	Periódico: International Journal on Digital Libraries (Print)

Idiomas

Inglês	Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem.
Espanhol	Compreende Bem, Fala Pouco, Lê Bem, Escreve Pouco.
Francês	Compreende Pouco, Fala Pouco, Lê Pouco, Escreve Pouco.

• Prêmios e títulos

2011	Medalha Rubens Borba de Moraes Honra ao Mérito Bibliotecário, Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região.
2011	Patrono dos Formandos de Biblioteconomia da UnB turma 2011/1, Universidade de Brasília.
2009	Patrono Formandos do 1/2009 do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília.
2008	Patrono dos Formandos de Biblioteconomia do 2/2007 da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília.
2002	Medalha Comemorativa FUB UnB 40 Anos, Universidade de Brasília.
2000	Ex-aluno de destaque 2000, Universidade Federal de Minas Gerais.
1998	Paraninfo de formandos, Universidade Federal de Goiás/Curso de Biblioteconomia.
1997	Medalha do CFB, Conselho Federal de Biblioteconomia.
1992	Medalha, Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB-3, CE).
1987	Nome da Turma de Formandos do Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Paraná.
1986	Member of Beta Phi Mu, Beta Phi Mu International Library Science Honor Society.

1975 Paraninfo de formandos, Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos (SP).

5.5 Bibliografia dos documentos do Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha:

• Artigos completos publicados em periódicos

1. CRUZ, F. W. ; CUNHA, M. B. ; FERNEDA, E. ; ALONSO, L. B. N. ; Vasconcelos, A. M.N. . Um modelo para mapeamento de necessidades e usos da informação musical. *Perspectivas em Ciência da Informação* (Impresso), v. 16, p. 207-227, 2011.
2. CUNHA, M. B. . Biblioteca digital: bibliografia das principais fontes de informação. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 39, p. 88-107, 2010.
3. CUNHA, M. B. . A biblioteca universitária na encruzilhada. *Datagramazero* (Rio de Janeiro), v. 11, p. 1-20, 2010.
4. CUNHA, M. B. . Bibliografia sobre o fluxo do documento na biblioteca digital. *Datagramazero* (Rio de Janeiro), v. 10, p. Art. 01, 2009.
5. CUNHA, M. B. . Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 13, p. 2-17, 2008.
6. LIMA, J. A. de O. ; CUNHA, M. B. . Tratamento da informação legislativa e jurídica: perspectiva histórica. *Senatus* (Senado Federal), v. 6, p. 33-38, 2008.
7. BAPTISTA, S. G. ; CUNHA, M. B. . Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectivas em Ciência da Informação* ^{JCR}, v. 12, p. 168-184, 2007.
8. PESSOA, P. ; CUNHA, M. B. . Perspectivas dos serviços de referência digital. *Informação & Sociedade. Estudos*, v. 17, p. 69-82, 2007.
9. Sousa, P. J. ; Rodrigues, E. ; CUNHA, M. B. . A blogosfera: perspectivas e desafios no campo da ciência da informação. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, v. 43, p. 88-106, 2007.
10. KAFURE, I. ; CUNHA, M. B. . Usabilidade de ferramentas tecnológicas para acesso à informação. *Revista ACB* (Florianópolis), v. 11, p. 273-282, 2006.
11. Ramos, Helia de Souza Chaves ; Carvalho, Fernanda Cordeiro de ; CUNHA, M. B. . Avaliação do uso do Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas: um serviço de informação destinada à microempresa brasileira. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 35, p. 255-269, 2006.
12. CUNHA, M. B. . IBICT: 51 anos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 7-8, 2005.
13. CUNHA, M. B. . A biblioteca em tempos de Internet. *Newsletter A*

Informação, Porto (Portugal), p. 25-27, 2005.

14. C. McCarthy ; CUNHA, M. B. . Digital library development in Brazil. OCLC Systems & Services, Dublin, v. 19, n. 3, p. 114-119, 2003.
15. McCarthy, Cavan ; CUNHA, M. B. . Reducing the information gap: Digital library development in Brazil. Proceedings of the ASIS Annual Meeting (Cessou em 2000), Medford (NJ), v. 39, p. 559-561, 2002.
16. CUNHA, M. B. . Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 3, p. 255-266, 2000.
17. CUNHA, M. B. . Grupo 3: novas tecnologias, redes de informação e educação à distância. Revista de Biblioteconomia de Brasília ^{JCR}, Brasília, v. 23-24, n. 3, p. 403-420, 2000.
18. CUNHA, M. B. . Desafios na construção de uma biblioteca digital. Ciência da Informação, Brasília, v. 28, n. 3, p. 255-266, 1999.
19. ROBREDO, J. ; CUNHA, M. B. . Aplicação de Técnicas Infométricas Para Identificar A Abrangência do Léxico Básico Que Caracteriza Os Processos de Indexação e Recuperação da Informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 1, p. 11-27, 1998.
20. CUNHA, M. B. . Biblioteca Digital: Bibliografia Internacional Anotada. Ciência da Informação, Brasília, v. 26, n. 2, p. 195-213, 1997.
21. ROBREDO, J. ; CUNHA, M. B. . Training of information managers: an approach for developing countries. International Information Communication and Education ^{JCR}, v. 16, p. 163-171, 1997.
22. CUNHA, M. B. . As Tecnologias de Informação e A Integração das Bibliotecas Brasileiras. Ciência da Informação, Brasília, v. 23, n. 2, p. 183-189, 1994.
23. CUNHA, M. B. ; ROBREDO, J. . Necessidades de integração das políticas de informação no MERCOSUL. Ciência da Informação, Brasília, v. 22, n. 1, p. 7-12, 1993.
24. ROBREDO, J. ; BOTELHO, T. M. ; CUNHA, M. B. . Some Problems Involved In The Installation Of Advanced Information Systems In Developing Countries. Resource Sharing and Information Networks, v. 6, n. 2, p. 81-95, 1991.
25. CUNHA, M. B. . Reflexões Sobre A Informática No Ensino da Biblioteconomia. Ciência da Informação, Brasília, v. 20, n. 2, p. 151-154, 1991.
26. ROBREDO, J. ; CUNHA, M. B. ; BOTELHO, T. M. . Problemas de Implantação de Serviços de Informação Em Países Em Desenvolvimento. Trans-informação, Campinas, v. 2, n. 2, p. 15-32, 1990.
27. CUNHA, M. B. . Estudos sociais na UnB tem novo titular. Informativo ABDF, Brasília, v. 2, n. 14, p. 6-7, 1990.

28. CUNHA, M. B. . Bases de dados no Brasil: um potencial inexplorado. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 45-57, 1989.
29. CUNHA, M. B. . O bibliotecário e seus novos papéis profissionais. *Boletim Informativo ABDF*, Brasília, v. 4, p. 3, 1988.
30. CUNHA, M. B. . Rede de dados bibliográficos no Brasil: uma necessidade real. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 15, n. 1, p. 23-34, 1987.
31. CUNHA, M. B. . Biblioteca universitária e educação do usuário. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 175-188, 1986.
32. ROBREDO, J. ; A. Miranda ; CUNHA, M. B. . Informática, sistema de informação e ensino de Biblioteconomia no Brasil: o caso da Universidade de Brasília. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 81-106, 1986.
33. CUNHA, M. B. . O desenvolvimento profissional e a educação continuada. Professional development and continuing education. *Revista AIBDA^{JCR}*, v. 6, p. 93-100, 1986.
34. CUNHA, M. B. . Reflexões sobre a informática na Biblioteconomia. *Boletim ABDF*, Brasília, v. 8, n. 3, p. 180-186, 1985.
35. CUNHA, M. B. . A informática e a biblioteconomia: uma união de muito futuro. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 1-7, 1985.
36. ROBREDO, J. ; C. R. O. Cavalcanti ; CUNHA, M. B. ; V. A. Macedo ; S. P. M. Mueller ; TARAPANOFF, Kira Maria Antonia . Tendências observadas no mercado de trabalho dos bibliotecários e técnicos da informação nas bibliotecas especializadas do Distrito Federal: qualificações requeridas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 123-147, 1984.
37. CUNHA, M. B. . A técnica de Delfos e a pesquisa em Biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 196-206, 1984.
38. CUNHA, M. B. . O desenvolvimento profissional e a educação continuada. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 149-156, 1984.
39. CUNHA, M. B. . Uso de bases de dados por países em desenvolvimento: problemas e perspectivas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília^{JCR}*, v. 12, p. 25-34, 1984.
40. CUNHA, M. B. . Uso de bases de dados por países em desenvolvimento, problemas e perspectivas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 16, n. 3-4, p. 21-30, 1983.
41. CUNHA, M. B. . Análise de conteúdo, uma técnica de pesquisa. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 247-256, 1983.

42. CUNHA, M. B. . Impactos das bases de dados em biblioteca: uma revisão da literatura. Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Brasília, v. 2, p. 1-17, 1983.
43. CUNHA, M. B. . Impactos das bases de dados em biblioteca. Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação ^{JCR}, v. 7, p. 46-63, 1983.
44. CUNHA, M. B. . Metodologia para estudo dos usuários da informação científica e tecnológica. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, 1982.
45. CUNHA, M. B. . Banco de dados em ciência e tecnologia. Boletim ABDF, Brasília, v. 3, n. 1, p. 30-32, 1980.
46. CUNHA, M. B. . O papel do bibliotecário na sociedade brasileira. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 7-26, 1978.
47. CUNHA, M. B. . O controle bibliográfico da literatura científica e tecnológica no Brasil. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 26-44, 1977.
48. CUNHA, M. B. . Os livros são para ler: um manual de treinamento para encarregados de pequenas bibliotecas públicas (recensão). Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 118-119, 1977.
49. CUNHA, M. B. . O bibliotecário brasileiro na atualidade. Revista de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 178-194, 1976.
50. CUNHA, M. B. . Necessidades atuais de bibliotecários no Brasil. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 2, n. 1, p. 15-24, 1974.
51. A. L. C. Vicentini ; J. L. Souza ; CUNHA, M. B. . Mecanização da Classificação Decimal Universal: o projeto LEMME. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 1, n. 1, p. 21-33, 1973.

• **Livros publicados/organizados ou edições**

1. CUNHA, M. B. . Manual de fontes de informação. 1. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. v. 1. 182 p.
2. CUNHA, M. B. ; C. R. O. Cavalcanti . Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. 1. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. 451 p.
3. CUNHA, M. B. . Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2001. 168 p.
4. ROBREDO, J. ; CUNHA, M. B. . Documentação de Hoje e de Amanhã: Uma Abordagem Informatizada da Biblioteconomia e da Documentação. 2. ed. São Paulo: Global, 1994. 400 p.

5. CUNHA, M. B. . Bases de Dados e Bibliotecas Brasileiras. Brasília: Edições ABDF, 1984. 224 p.
6. ROSENBERG, V. ; CUNHA, M. B. . Uso de Informações Técnicas e Científicas No Brasil. Brasília: IBICT, 1983. 133 p.
7. CUNHA, M. B. . Índice da Revista de Biblioteconomia de Brasília. Brasília: Associação dos Bibliotecários do DF, 1983. 261 p.

• **Capítulos de livros publicados**

1. KAFURE, I. ; CUNHA, M. B. . A usabilidade na gestão de marketing da biblioteca digital. In: Sueli /Angelica do Amaral. (Org.). Marketing na ciência da informação. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2007, v. , p. 133-140.
2. CUNHA, M. B. ; C. McCarthy . Estado atual das bibliotecas digitais no Brasil. In: Carlos H. Marcondes;Helio Kuramoto;Lidia Brandão Toutain;Luis Sayão. (Org.). Bibliotecas digitais: saberes e práticas. 2ª. ed. Brasília: IBICT, 2006, v. , p. 25-54.
3. CUNHA, M. B. ; C. McCarthy . Estado atual das bibliotecas digitais no Brasil. In: Marcondes, Carlos H.;Kuramoto, Helio;Toutain, Lidia B;Sayão, Luis.. (Org.). Bibliotecas digitais: saberes e práticas. Salvador: Editora Universidade Federal da Bahia, 2005, v. , p. 25-53.
4. CUNHA, M. B. . Use of databases by developing countries: useful tool or panacea?. In: Rosenberg, Victor;Whitney, Gretchen. (Org.). The transfer of scholarly, scientific and technical information between North and South America. Metuchen (NJ): Scarecrow Press, 1986, v. , p. 123-136.

• **Textos em jornais de notícias/revistas**

1. CUNHA, M. B. . RDA: um novo paradigma na catalogação. Infohome, Marília, 12 maio 2011.
2. CUNHA, M. B. . Relatório sobre a situação das bibliotecas americanas. Infohome, Marília, 28 abr. 2011.
3. CUNHA, M. B. . Biblioteconomia: periódicos brasileiros na internet. Infohome, Marília, v. 9, 14 out. 2010.
4. CUNHA, M. B. . Ortega y Gasset e a missão do bibliotecário. Infohome, Marília, 20 abr. 2009.
5. CUNHA, M. B. . A atualidade de Rubens Borba de Moraes. Infohome, Marília, v. 8, 26 mar. 2009.
6. CUNHA, M. B. . Recursos informacionais para compartilhamento da

informação; redesenhando acesso, disponibilidade e uso (resenha).
 Informação & informação, Londrina, p. 1 - 159, 20 set. 2008.

7. CUNHA, M. B. . Guia de softwares para tratamento da informação (resenha). DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, p. 2 - 3, 01 jun. 2008.
8. CUNHA, M. B. . Perceptions of libraries and information resource (resenha). Ciência da Informação, Brasília, p. 122 - 123, 01 fev. 2006.
9. CUNHA, M. B. . The 2003 OCLC environmental scan (resenha). Ciência da Informação, Brasília, p. 1 - 2, 02 jan. 2004.
10. CUNHA, M. B. . A biblioteca digital (resenha). Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, p. 1 - 2, 01 jan. 2004.
11. CUNHA, M. B. . Digital libraries (W. Y. Arms) (resenha). Ciência da Informação, Brasília, p. 93, 02 jan. 2002.
12. CUNHA, M. B. . Digital libraries: philosophies, technical design considerations and example scenarios (resenha). Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, p. 141 - 142, 02 jan. 2001.
13. CUNHA, M. B. . Manual de organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos (resenha). Ciência da Informação, Brasília, p. 112 - 112, 02 jan. 2001.
14. CUNHA, M. B. . Quarta Conferência Européia sobre pesquisa e tecnologia avançada para bibliotecas digitais; anais ECDL-2000 (resenha). Ciência da Informação, Brasília, p. 92 - 92, 02 jan. 2001.
15. CUNHA, M. B. . The National Eletronic Library: A Guide To The Future For Library Managers (resenha). Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, p. 146 - 150, 02 jan. 1997.
16. CUNHA, M. B. . The Evolving Virtual Library: Visions And Cases Studies (resenha). Revista de Biblioteconomia de Brasília, p. 150 - 154, 02 jan. 1996.
17. CUNHA, M. B. . Índice CENATE, catálogo de teses universitárias (resenha). Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, p. 120 - 121, 02 jan. 1977.
18. CUNHA, M. B. . Dicionário de marketing e propaganda (resenha). Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, p. 119 - 120, 02 jan. 1977.

- **Trabalhos completos publicados em anais de congressos**

1. LIMA, J. A. de O. ; CUNHA, M. B. . Modelo genérico de relacionamentos e a organização da informação. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2009, João Pessoa.

X Encontro ENANCIB. João Pessoa : Universidade Federal da Paraíba, 2009.

2. KAFURE, I. ; CUNHA, M. B. . Usabilidade em bibliotecas digitais. In: Conferência Ibero americana de Publicações Eletrônicas no Contexto da Comunicação Científica, 1., 2004., 2006, Brasília. Anais. Campo Grande (MS) : UNIDERP, 2006. p. 67-74.
3. MONTEIRO, R. C. M. ; CUNHA, M. B. . A satisfação dos usuários do Portal de Periódicos da CAPES. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 24, 2006, Salvador. Anais do 24. SNBU. Salvador : Sistema de Bibliotecas da UFBA, 2006.
4. LIMA, J. A. de O. ; CUNHA, M. B. . Modelo de relacionamento e a organização da informação. In: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA DE PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA, 1., 2006, Brasília, 2006, Brasília. Anais. Campo Grande : UNIDERP, 2006. p. 67-74.
5. KAFURE, I. ; CUNHA, M. B. ; VENTURELLI, S. ; FERREIRA, M. C. . Usabilidade na recuperação da informação no catálogo público de acesso em linha. In: Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade, 5., 2005., 2005, Rio de Janeiro. Anais do 5o. USIHC.. Rio de Janeiro : Pontifícia Universidade Católica, 2005.
6. FERNEDA, E. ; CRUZ, F. W. ; CUNHA, M. B. ; BRANDAO, M. . Uma biblioteca digital no âmbito de um projeto de disseminação da cultura musical brasileira. In: Simpósio Internacional sobre Bibliotecas Digitais, 3., 2005, São Paulo. Anais do 3. Seminário Internacional sobre bibliotecas digitais.. São Paulo : Universidade de São Paulo, Sistema Integrado de Bibliotecas, 2005. v. 1. p. 795-805.
7. BAPTISTA, S. G. ; CUNHA, M. B. . Estudo de usuários: a problemática dos métodos de coleta de dados. In: Encontro Nacional dos Profissionais de Informação e Documentação, 2005, Brasília. Anais.. Brasília : Confederação Nacional da Indústria, 2005.
8. ARELLANO, M. A. M. ; CUNHA, M. B. . Metodologias para o ensino de bibliotecas digitais. In: Seminário Internacional de Bibliotecas Digitais, 2004, Campinas. Biblioteca Digital da Unicamp - Documento n. 8298. Campinas : Biblioteca Central da Unicamp, 2004.
9. CRUZ, F. W. ; FERNEDA, E. ; BRANDAO, M. ; COSTA, E. ; ALMEIDA, H. ; CUNHA, M. B. . A Brazilian Popular Music Digital Library Oriented to Musical Harmony. In: International Conference on Music Information Retrieval (ISMIR 2004), 2004, Barcelona. Proceedings. Barcelona : Audiovisual Institute, Universitat Pompeu Fabra, 2004. p. 429-432.
10. COP, N. ; CUNHA, M. B. . Cenários para a sobrevivência das bibliotecas. In: Seminário sobre desafios para as bibliotecas no pós-internet, 2004, Brasília. Portal da Biblioteca do Senado Federal. Brasília : Biblioteca do Senado Federal, 2004.

11. C. McCarthy ; CUNHA, M. B. . Democratic access to information in a rapidly changing society: the case of Brazil. In: ACM/IEEE-CS Joint Conference on Digital Libraries 2002, 2002, Portland (Oregon, US). Proceedings. New York (NY) : Association for Computing Machinery (ACM), 2002. p. 400.
12. CUNHA, M. B. . Cenário da Biblioteca Universitária Brasileira para 2010: Estrutura, Financiamento, Serviços e Públicos. In: SEMINARIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITARIAS, SNBU, 11., 2000, Florianópolis., 2000, Florianópolis. Anais do XI SNBU: a biblioteca universitária do século XXI. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
13. CUNHA, M. B. . As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. In: SEMINARIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITARIAS, 8., 1994, Campinas., 1994, Campinas. Anais do SNBU. Campinas : Universidade de Campinas, 1994. v. 1. p. 105-122.
14. CUNHA, M. B. . Debate Sobre O Projeto do Serviço da Documentação Francesa. In: Seminário Brasil-França, 1993. Os contratos de gestão e a experiência francesa na renovação do setor público. Brasília. p. 68-71.
15. CUNHA, M. B. . Computer Networks And Data Bases In Brazil: An Untapped Resource. In: Latin America: the emerging information power, 1993. Latin America: the emerging information power. Washington. p. 31-51.
16. ROBREDO, J. ; CUNHA, M. B. . The training of information managers: an approach for developing countries. In: Congress and Conference of the International Federation of Information and Documentation, 1992, Madrid. Proceedings, 1992.
17. CUNHA, M. B. . Rede de dados bibliográficos no Brasil: uma necessidade real. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (5. : 1987 : Porto Alegre), 1987, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987. p. 71-89.
18. CUNHA, M. B. . Informatics in information science education: the situation in Brazil. In: American Society for Information Science 48th Annual Meeting, 1985, Las Vegas. Proceedings. White Plains : Knowledge Industry Publications, 1985. p. 374-376.
19. ROBREDO, J. ; CUNHA, M. B. . Elementos para un nuevo enfoque del problema de la educación de usuarios en países en desarrollo. In: Reunión de Bibliotecas Universitárias y Nacionales Latinoamericanas, 1984, Santiago de Chile. Actas y informe final. Santiago de Chile : Pontificia Universidad Católica de Chile, 1984. p. 201-210.
20. CUNHA, M. B. . Sistemas de informação no planejamento para o desenvolvimento. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 9., Porto Alegre, 1977, 1977, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre : Associação Rio-grandense de Bibliotecários, 1977. v. 2. p. 11-21.
21. CUNHA, M. B. . O mercado de trabalho para o bibliotecário. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 9., Porto Alegre, 1977, 1977, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre : Associação Rio-grandense de

Bibliotecários, 1977. v. 2. p. 139-148.

22. CUNHA, M. B. . Coleção mínima de obras de referência para bibliotecas públicas. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 9., Porto Alegre, 1977, 1977, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre : Associação Rio-grandense de Bibliotecários, 1977. v. 1. p. 287-295.
23. CUNHA, M. B. . Retrospectiva da biblioteconomia brasileira em 1973. In: Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação (4. : 1974 : Porto Alegre), 1974, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre : Associação Rio-grandense de Bibliotecários, 1974.
24. A. L. C. Vicentini ; CUNHA, M. B. ; J. L. Souza . Mecanização da Classificação Decimal Universal: o projeto LEMME. In: Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação (3. : 1972 : Porto Alegre)., 1972, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre : Associação Rio-grandense de Bibliotecários, 1972.

- **Resumos expandidos publicados em anais de congressos**

1. CUNHA, M. B. . Tendências no uso de bibliotecas digitais. In: Conferência de Executivos de Tecnologia da Informação em Universidades Latino-Americanas, 2006, Brasília. Trabalhos apresentados. São Paulo : USP Escola do Futuro, 2006.
2. CUNHA, M. B. . Economia das Bibliotecas Digitais. In: Simpósio Internacional: impacto das novas tecnologias de informação, UNIVERSIDADE E SOCIEDADE, 23-24, set., 1999, São Paulo, 1999, São Paulo. Anais. São Paulo : USP, 1999.

- **Resumos publicados em anais de congressos**

1. C. McCarthy ; CUNHA, M. B. . Digital libraries and information access in Brazil. In: Brazilian Studies Association, 6h Congress, 2002, Atlanta (GA, US). BRASA 6th Congress, 2002.

- **Apresentações de Trabalho**

1. CUNHA, M. B. . A biblioteca digital. 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
2. CUNHA, M. B. . PRODUTOS E SERVIÇOS DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA NA INTERNET. 2002. (Apresentação de

Trabalho/Seminário).

- **Demais tipos de produção bibliográfica**

1. CUNHA, M. B. . Introdução à Biblioteconomia (resenha). Brasília, 2009. (Prefácio, Posfácio/Introdução).
2. CUNHA, M. B. . Bibliotecas digitais (palestra). Brasília: Ministério do Planejamento, 2008 (Palestra).
3. CUNHA, M. B. . Prefácio: Critérios de qualidade para avaliação da informação em saúde na world wide web-. Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação da UnB, 2007 (Prefácio).
4. CUNHA, M. B. . Prefácio (Marketing na ciência da informação; S. A. do Amaral, org.). Brasília, 2007. (Prefácio, Posfácio/Prefácio).
5. CUNHA, M. B. . Prefácio (Critérios de qualidade para avaliação da informação em saúde na World Wide Web, Ilza Leite Lopes). Brasília, 2007. (Prefácio, Posfácio/Prefácio).
6. CUNHA, M. B. . Referência virtual (palestra) 2004 (Palestra).
7. CUNHA, M. B. . Prefácio (Marketing da informação na Internet; S. A. do Amaral). Campo Grande (MT), 2004. (Prefácio, Posfácio/Prefácio).
8. CUNHA, M. B. . Prefácio (Acrônimos, siglas e termos técnicos; G. C. Santos). Campinas, 2003. (Prefácio, Posfácio/Prefácio).
9. CUNHA, M. B. . Prefácio (Promoção: o marketing visível da informação, de Sueli Amaral). Brasília: Brasília Jurídica, 2001 (Prefácio).
10. CUNHA, M. B. . Prefácio (Marketing: abordagem em unidades de informação; S. A. Amaral). Brasília, 1998. (Prefácio, Posfácio/Prefácio).
11. CUNHA, M. B. . Cavalcanti, Cordélia R. Da Alexandria do Egito à Alexandria do espaço. Brasília: Thesaurus, 1996 (Prefácio).
12. CUNHA, M. B. . Prefácio ("Da Alexandria do Egito à Alexandria do Espaço; C. R. Cavalcanti). Brasília, 1996. (Prefácio, Posfácio/Prefácio).
13. CUNHA, M. B. . Silveira, A.; Amaral, S. A. Marketing em unidades de informação: estudos brasileiros. Brasília: IBICT, 1993 (Prefácio).
14. CUNHA, M. B. . Código de catalogação anglo-americano (cap. 11, Mapas). Brasília: Edição dos Tradutores, 1969. (Tradução/Livro).

- **Demais tipos de produção técnica**

1. CUNHA, M. B. . Introdução à RDA: um guia básico. 2011. (Editoração/Livro).

2. CUNHA, M. B. . Curso sobre biblioteca digital. 2010. (Curso de curta duração ministrado/Extensão).
3. CUNHA, M. B. . Blog A Informação (Colunista). 2009. (Editoração/Periódico).
4. CUNHA, M. B. . Infohome (Colunista, Coluna: A Biblioteca do Bibliotecário). 2009. (Editoração/Periódico).
5. Tamaro, Ana Maria ; Salarelli, A. ; CUNHA, M. B. . A biblioteca digital. 2008. (Editoração/Livro).
6. CUNHA, M. B. . Blog A Informação (colunista). 2008. (Editoração/Periódico).
7. CUNHA, M. B. . Blog A Informação (colunista). 2007. (Editoração/Periódico).

6 CONCLUSÃO

A literatura nos mostra que o profissional bibliotecário surgiu da necessidade da sociedade lidar com o registro de informações, de sua história e conseqüentemente com os documentos produzidos por ela.

Retrata a presença desse profissional ao longo da história desde as primeiras bibliotecas com registros em tábuas de argila, passando pela monopolização da informação nas bibliotecas e mosteiros da Igreja Católica na Idade Média, onde o papel do bibliotecário era desempenhado pelos padres e monges.

No Renascimento, quem detinha o conhecimento era a classe rica da sociedade, onde se encontravam os sábios e os bibliófilos.

Com o advento da imprensa, os livros se tornam mais acessíveis para todas as camadas da sociedade e a sua produção em massa deles fez com que surgisse a necessidade de um profissional capacitado para lidar com esse fluxo de informação.

A importância do bibliotecário é verificada na atualidade, demonstrando que ele deve estar apto para desenvolver novas habilidades e competências requeridas pela sociedade atual.

A biobibliografia de Murilo Bastos da Cunha, figura reconhecidamente importante para a Biblioteconomia brasileira, mostra sua contribuição para a área. Desde a adolescência se dedicou aos livros, trabalhando na Biblioteca do Colégio Dom Bosco. Posteriormente foi para a Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Graduou-se em Biblioteconomia na mesma Universidade. A convite de Abner Vicentini foi para a biblioteca do Ministério de Minas e Energia, assumiu vários cargos de liderança, passou pela ABDF, IBICT, CFB sendo Presidente na segunda e terceira gestão do Conselho participando na implantação dos conselhos regionais na maioria dos estados, estando hoje como professor titular do curso de Biblioteconomia e também professor da pós-graduação, PhD em Ciência

da Informação pela Universidade de Michigan, escritor, pesquisador. Criou o Boletim da ABDF e a Revista de Biblioteconomia de Brasília juntamente com Aníbal Coelho e Briquet de Lemos. Faz um importante trabalho como líder do Grupo de Pesquisa sobre Biblioteca Digital da Universidade de Brasília. É exemplo para essa geração de profissionais e para as gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Júnior, O. F. de. *A imagem do bibliotecário*. Abril ,2003. Disponível em : <http://www.ofaj.com.br/pessoal.html#>. Acesso em: 05 de abril de 2011.

ARAÚJO, Elyanay Alvarenga. *A construção social da informação: práticas informacionais no contexto de Organizações Não Governamentais brasileiras*. 221 f. Tese (Doutorado) – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. *Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão*. *Ci. Inf., Brasília*, v.29, n.3, p.14-24, set./dez. 2000.

BAPTISTA, Sofia Galvão. *Bibliotecário autônomo versus institucionalizado: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional*. 1998. 234f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

BIBLIOTECA NACIONAL. Brasil. Acesso em 10 de outubro de 2011. Disponível em: http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu_pagina=11.

BORGES, Maria Alice Guimarães. *A compreensão da Sociedade da Informação*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set/dez. 2000.

BORGES, Maria Alice Guimarães. *A tríplice hélice e o desenvolvimento do setor de tecnologia da informação no Distrito Federal*. 2006. 298 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BOTTENTUIT, Aldinar; CASTRO, César Augusto. *Movimento fundador da biblioteconomia no Maranhão*. São Luís: Imprensa Universitária, 2000. 118p

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício . Acesso em 11 de novembro de 2011 . Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/sicon/index.jsp>.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241p.

BUTLER, Pierce. *Introdução a ciência da biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Lidaador, 1971. 86 p.

CASTRO, César Augusto. *História da biblioteconomia brasileira*. Brasília: Thesaurus, 2000. 287 p.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Brasil. Acesso em: 15 nov. 2011. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/historico/galeria.htm>.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Brasil. *Currículo Lattes: Murilo Bastos da Cunha*. >. Acesso em: 05 set. 2011 Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4799745P1&tipo=completo&idiomaExibicao=1>>.

CUNHA, Murilo Bastos . *O bibliotecário brasileiro na atualidade*. Revista de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 178-194, 1976.

CUNHA, Murilo Bastos. *O papel do bibliotecário na sociedade brasileira*. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 7-26, 1978.

CUNHA, Murilo Bastos. Memorial: Concurso para professor titular do Departamento de Ciência da Informação e Documentação. Universidade de Brasília, Brasília, 1994.

CUNHA, Murilo Bastos. Entrevista. Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FONSECA, Edson Nery da. *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Instituto Nacional do Livro (Brasil). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1979. 112 p.

FONSECA, Edson Nery. *Introdução à biblioteconomia*. São Paulo : Pioneira, 1992.

LE COADIC, Y. *A ciência da informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LOUREIRO, Mônica de Fátima. *O bibliotecário como profissional da informação: análise da inserção no mercado de trabalho brasileiro segundo o censo demográfico de 2000*. 131 f. Dissertação (mestrado) em... Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2004.

MARCHIORI, Patrícia Z. *A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 72-79, maio/ago. 2002.

MARTINS, Wilson. *Palavra escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca, com um capítulo referente a propriedade literária(a)*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. 519 p.

MASON, R.O. What in an information professional? . *Journal of education for library and information science*. v.31, n.2. p.122-138, 1990.

MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v.14, n.1, p.3-15, jan./jun. 1985.

MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. Reflexões sobre a formação profissional para Biblioteconomia e sua relação com as demais profissões de informação. *Transinformação*, Campinas, v.1, n.2, p.175-186, maio/ago. 1989.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. *O bibliotecário e sua auto-imagem*. São Paulo: Pioneira, 1983. 98 p.

ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Brasília: Briquet De Lemos, 2006. 82 p.

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da biblioteconomia*. Brasília, DF: Briquet De Lemos, 2009. 336 p.

TARAPANOFF, Kira. *Perfil do profissional da informação no Brasil*. Brasília: Iel/DF, 1997. 134 p.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Brasil. Acesso em 08 de nov. 2011. Disponível em : <http://www.unb.br/unb/historia/resumo.php>.

WORMELL, I. Habilidades de gerenciamento e de empreendimento na profissão de bibliotecário e cientista da informação. *Informação & Informação*. Londrina, v.4, n.1, p.7-16, jan./jun. 1999.

APÊNDICE

Entrevista estruturada com o Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha.

1-Fale um pouco sobre o seu currículo, motivos que o levaram a escolher a área de Biblioteconomia/ Ciência da informação, sua experiência como aluno, professor e chefe do Departamento de Ciência da Informação e Documentação.

2- O Sr. se graduou em Biblioteconomia na década de 60 e atualmente é professor do mesmo curso na mesma universidade,UnB.O que mudou de lá para cá? O que falta mudar?

3- O Sr. fez doutorado e pós-doutorado na University of Michigan, o que isso lhe acrescentou como profissional?Quais as vantagens de um doutorado e pós-doutorado fora do Brasil?

4- Além de professor o Sr. é pesquisador, escritor e já ocupou cargos administrativos em instituições diferentes.O senhor tem preferência por alguma dessas atividades? Qual?

5- Comente um pouco sobre suas linhas de pesquisa (informação científica e tecnológica, biblioteca digital, estudo de usuários, bibliotecas universitárias e tecnologia da informação).

6- A profissão de bibliotecário ainda é vista por muitos como eminentemente técnica.Na sua opinião,qual a contribuição desse profissional para a sociedade?

7- O Sr. acredita que contribuiu e contribui positivamente para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação? Como?

8- Trabalhando como professor do curso de Biblioteconomia da UnB, tendo trabalhado no IBICT, na ABDF e no CFB, qual sua opinião sobre a formação e o preparo dos profissionais dessa área que estão ingressando no mercado de trabalho?

9- O Sr. é colunista de dois blogs na área de Biblioteconomia e Ciência da informação,o que exige uma constante atualização de informação ,por sua parte.Comente um pouco.

ANEXO A: CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES

10 . Bibliotecário

Norma Regulamentadora:

- Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962 - Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula o seu exercício.
- Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965 - Regulamenta a Lei nº 4.084/62.

*A redação do art. 3º da Lei nº 4.084/62, foi alterada pela Lei nº 7.504, de 02/07/86.

ANEXO B: LEI Nº 4.084, DE 30 DE JUNHO DE 1962*

Publicado no DOU de 2.7.1962

Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o **CONGRESSO NACIONAL** decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

O CONGRESSO NACIONAL DECRETA:

DO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO E DAS SUAS ATRIBUIÇÕES

Art. 1º A designação profissional de Bibliotecário, a que se refere o quadro das profissões liberais, grupo 19, anexo ao Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (Consolidação das Leis do Trabalho), é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia, de conformidade com as leis em vigor.

Art. 2º O exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido:

- a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas;
- b) aos Bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente.

* BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício . Acesso em 11 de novembro de 2011 . Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/sicon/index.jsp>.

ANEXO C: DISCURSO DO DIRETOR DA BCE SOBRE BIBLIOTECA VIRTUAL

Biblioteca virtual de periódicos da UnB

Discurso do Diretor da Biblioteca Central da Unb, Prof. Murilo Bastos da Cunha

As bibliotecas possuem uma longa e complexa história de mudanças tecnológicas que nem sempre é conhecida por todos. As tecnologias da imprensa, máquina de escrever, telefone, telex, mimeógrafo, microfilme, cartão perfurado nas margens, computador, disco ótico e redes eletrônicas afetaram e alteraram as bibliotecas ao longo do tempo. Algumas dessas tecnologias, tais como o microfilme e o disco ótico, tiveram suas primeiras aplicações testadas dentro de uma biblioteca.

Assim, apesar das dificuldades financeiras que, tradicionalmente as bibliotecas enfrentam, as novas tecnologias sempre foram, paulatinamente, incorporadas às suas atividades, provocando mudanças internas e na maneira de prover produtos e serviços aos usuários. Nos últimos anos a mudança tecnológica tem sido cada vez maior num espaço temporal cada vez menor. Esse novo fato colocou a biblioteca num período de transição e decisões precisam ser tomadas a respeito, como por exemplo, que equipamento comprar, qual o programa de computador que deverá ser adotado e assim por diante. Outras inquietudes, como por exemplo: ainda existirão livros no futuro; deve-se continuar a assinar periódicos impressos, em CD-ROM ou aguardar o periódico totalmente eletrônico? Essas e outras indagações não podem ser respondidas com certeza absoluta pois a biblioteca está num momento de transição, passando de uma organização totalmente ligada ao material impresso para outra onde tudo, ou quase tudo, será armazenado sob a forma digital.

A biblioteca tradicional é aquela onde a maioria dos itens do seu acervo é constituída de documentos em papel. Ela existe desde tempos imemoriais. É claro que, antes do advento da imprensa com Gutenberg, o seu acervo era formado por outros tipos de materiais (como, por exemplo: tablete de argila, papiro e pergaminho).

Uma grande característica da biblioteca tradicional é que, tanto a coleção como o seu catálogo, utilizam o papel como suporte de registro da informação. Todavia, no final do século XIX, houve uma grande revolução na biblioteca com a introdução do catálogo em fichas e o abandono do catálogo sob a forma de livro.

A nova biblioteca, a biblioteca digital é também conhecida como biblioteca eletrônica (termo preferido do britânicos), biblioteca virtual (quando utiliza os recursos da realidade virtual), biblioteca sem paredes e biblioteca conectada a uma rede. Essa biblioteca implica no conceito da informação sendo armazenada de forma eletrônica disseminada independente de sua localização física ou do tempo. Assim, nesse contexto conceitual estão embutidas a criação, aquisição, distribuição e armazenamento de documento sob a forma digital. De um documento digital pode-se conseguir uma cópia em papel. Nessa biblioteca o documento (aqui entendido na sua acepção mais ampla) é uma fonte digitalizada, o papel, portanto, é um estado transitório.

Na biblioteca digital, definida por dezenas de autores, pode-se encontrar uma ou várias das características abaixo:

- a) acesso remoto pelo usuário, através de um computador conectado a uma rede;
- b) utilização simultânea por duas ou mais pessoas;
- c) inclusão de produtos e serviços de uma biblioteca ou centro de informação;

- d) existência de coleções de documentos correntes onde se pode acessar não somente a referência bibliográfica, mas também o seu texto completo. O percentual de documentos retrospectivos tenderá a aumentar na medida em que novos textos vão sendo digitalizados pelos diversos projetos em andamento;
- e) provisão de acesso em linha a outras fontes externas de informação (bibliotecas, museus, bancos de dados, instituições públicas e privadas).
- e) utilização de maneira que a biblioteca local não necessite ser proprietária do documento solicitado pelo usuário;
- g) utilização de diversos suportes de registro da informação tais como texto, som, imagem e números;
- h) existência de unidade de gerenciamento do conhecimento que inclui sistema inteligente ou especialista para ajudar na recuperação de informação mais relevante.

No setor de periódicos estão ocorrendo as grandes mudanças atuais. O periódico eletrônico já é uma realidade, mesmo em nosso país. Em 25 de setembro de 1998 existiam no Brasil 133 títulos de periódicos eletrônicos conforme levantamento do Grupo de Trabalho em Bibliotecas Virtuais (Grupo).

Esses títulos digitais podem ser encontrados sob a forma de arquivos de imagens ou como produtos totalmente codificados com linguagens de marcação de textos tais como a SGML e a HTML.

O acesso ao periódico eletrônico pode ser feito de diversas modalidades. A nível local por meio de CD-ROM hospedado numa estação de trabalho ou com a utilização de torres de CD-ROM. O acesso remoto pode ser feito acessando-se acervo digital localizado numa outra biblioteca, consórcio, empresa provedora de documentos ou mesmo em sítios na Internet.

Em relação aos periódicos existe um outro aspecto a que se deve prestar atenção. É saber como será a futura estrutura da comunicação científica. O próprio termo "periódico" ("journal") carrega consigo uma enorme bagagem cultural. Será que o atual periódico impresso ainda é um formato conveniente para a transmissão de bits de informação? Os títulos muito especializados, com pequeno número de assinaturas, talvez mudem para o formato eletrônico caso algum ou a maioria dos seus assinantes tenham acesso à Internet. Enquanto isso, os títulos de grande circulação, particularmente aqueles de conteúdo generalistas, talvez precisem ser impressos em papel por algum tempo. É possível que haja, para esses últimos títulos, uma forma híbrida, publicação em papel e forma digital (com diversas modalidades de acesso aos artigos: parcial ou totalmente livre para todos, acesso integral para os assinantes da publicação impressa).

Uma outra faceta da temática comunicação científica é o relativo à questão da propriedade da divulgação dos resultados das pesquisas. Tradicionalmente, os professores universitários e pesquisadores, em sua maioria, encaminham os resultados de seus projetos para serem publicados em periódicos comerciais. Como consequência, os direitos autorais derivados desses artigos são de propriedade das editoras. Assim, os autores, em grande parte vinculados a universidades e centros de pesquisas, remetem, de forma gratuita, os originais de seus artigos que, posteriormente, são vendidos para as bibliotecas universitárias sob a forma de caras assinaturas de periódicos. É claro que as universidades não estão satisfeitas com esse tipo de transação. Assim, existe, já por algum tempo, uma longa discussão para mudar as regras do "jogo dos periódicos". As universidades pretendem retomar o controle das publicações geradas em seus ambientes e enfrentando, como era de se esperar, forte restrição das editoras comerciais. Até o presente momento não se sabe

qual será o resultado dessa peleja. De qualquer maneira, o futuro resultado dessa contenda poderá afetar o desenvolvimento de coleções e a aquisição.

Muitas bibliotecas universitárias brasileiras estão engajadas em projetos de automação. Em decorrência disso, mais e melhores computadores ou terminais são demandados, tanto por seus servidores como por seus usuários. Com projetos de acervos digitais essas instituições necessitarão de mais recursos financeiros para a provisão de equipamentos mais potentes e modernos.

Vale a pena ressaltar que em muitas universidades, como por exemplo na nossa UnB, existem projetos de implementação de redes digitais de alta velocidade, interligando diversos prédios do campus por meio de cabos de fibra óptica e ampliando o acesso à World Wide Web (WWW). Dentre os prédios a serem conectados a essa tecnologia encontra-se o da biblioteca. O cenário tecnológico, portanto, é favorável. Resta, entretanto, suplantar o cenário econômico. A implementação da biblioteca virtual implica na existência de recursos reais.

A Universidade de Brasília está inaugurando a primeira biblioteca virtual de periódicos do Centro-Oeste, disponibilizando referências bibliográficas de 3100 títulos de periódicos estrangeiros em língua inglesa, dos quais cerca de 1000 títulos com o texto completo do artigo, em formato digital e que estão disponíveis para a comunidade universitária. Esse projeto foi iniciado pelo Professor Lauro Morhy ao final de sua gestão como Decano de Pesquisa e Pós-Graduação da UnB. Agora, um ano depois, o mesmo torna-se realidade.

Com o início do funcionamento dessa biblioteca virtual, composta por três bases de dados em CD-ROM, gerenciadas pelo software Proquest Power Pages, estão disponíveis periódicos técnico-científicos muitos deles

inexistentes em bibliotecas brasileiras. Outra novidade importante é a possibilidade das consultas a partir da residência ou de qualquer outro lugar com disponibilidade de uso da Internet. Por meio dessa rede os leitores que disponham da senha digital podem freqüentar essa nova biblioteca, de qualquer ponto do mundo.

Com a implantação desse projeto a Biblioteca Central está ampliando o suporte informacional, vital para o ensino e a pesquisa feitos no âmbito de nossa universidade.

Desde a tão decantada explosão bibliográfica acrescida das dificuldades advindas das crises econômicas, as bibliotecas universitárias têm passado por períodos de turbulência. Duas de suas funções básicas sofrem o perigo de extinção: a provisão de acesso à informação e a preservação do conhecimento para futuras gerações. Para a biblioteca torna-se cada vez mais difícil prover acesso à informação demandada por seus usuários. O crescente custo dos documentos é um dos óbices, porém, talvez o mais importante seja a explosão bibliográfica que tornou quase impossível adquirir e encontrar espaço físico para atender a uma gama de interesses dos usuários prospectivos (Hawkins, 1994).

O esforço para recuperar as funções básicas da biblioteca universitária necessitará de compreender que, de fato, mais e mais usuários estão resolvendo suas demandas informacionais por meio das redes. É vital também que se observe os novos contornos que estão em curso no que se refere a provisão de informação digital e que, a criação de uma biblioteca digital é um dos caminhos a serem trilhados com a relocação de recursos para projetos colaborativos e para a implementação de projetos de bibliotecas digitais ou virtuais. É preciso introjetar o compromisso de mudança e o senso de urgência.

Foram vistos até agora diversos aspectos relacionados com a tecnologia da informação e suas implicações na nossa área. Entretanto, um aspecto importante faltou nessa discussão: o usuário da informação, seja ela digital ou não. O que o usuário quer? A resposta é simples: informação rápida e relevante. Relevante em primeiro lugar e rápida, se possível! Tradicionalmente os bibliotecários têm se preocupado mais com a entrada da informação no sistema (catalogação e classificação, por exemplo) e muito pouco com a avaliação da informação que se transformou em algo tão importante quanto o crescente volume de informação disponível. Nossas bibliotecas, sejam tradicionais ou digitais, ainda não possuem instrumentos que informem o nível intelectual do conteúdo e a perfeita escolha de palavras-chave para o documento. Espera-se que a biblioteca digital dos próximos anos possa incorporar a possibilidade de o usuário escolher o nível de conteúdo da informação bem como o contexto no qual o mesmo pretender à aplicá-la.

Diferentemente das bibliotecas tradicionais, as bibliotecas digitais não se localizam num determinado prédio ou edifício. Provavelmente muitos prédios de bibliotecas irão desaparecer. Outros irão sobreviver. A informação está se tornando cada vez mais digital, mas as pessoas não! "Elas precisarão de um lugar para estudo e reflexão. Um lugar para aprenderem a ser indivíduos e não apenas parte de uma massa" (Myers, 1994). Portanto, diferente das outras tecnologias de informação, a biblioteca digital pode ser um novo paradigma para a profissão e, como tal, deve ser estudada, entendida e aperfeiçoada. A natureza da biblioteca digital do futuro está sendo forjada hoje.

Faço votos de que a nossa comunidade possa fazer um bom proveito dessa enorme estoque informacional agora colocado à sua disposição.

(Muito obrigado)

ANEXO D: DISCURSO DE POSSE PROFESSOR MURILO

file=discurso-bce

date=27-11-1997

DISCURSO DE POSSE DO PROFESSOR MURILO CUNHA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB, 28 DE NOVEMBRO DE 1997-11-27

Qualquer pessoa pode constatar que o momento em que estamos vivendo é marcado por transformações incríveis e que são superadas continuamente. Nesse cenário é difícil compor uma visão clara de para onde a sociedade está caminhando de forma tão acelerada. Entretanto, o exercício intelectual sobre o destino para o qual o mundo está se dirigindo é vital pois o futuro é forjado nos acontecimentos do presente.

Estudiosos da área de prospectiva como prevêem que pelo menos três grandes tópicos serão responsáveis por enormes alterações em nossas vidas quotidianas. São eles: a globalização da economia, as tecnologias inovadoras e o triunfo da expressão individual.

A globalização da economia é uma força que está invadindo as nações e, algumas vezes, trazendo até seus reflexos negativos como as recentes transformações nos países asiáticos que aferataram, sobremaneira, o cenário brasileiro. "Pari passu" com a tendência de globalização da economia caminham os fantásticos avanços das novas tecnologias, especialmente aquelas ligadas à transmissão e difusão da informação. O mundo hoje é de fato uma aldeia global, temos acesso a canais de televisão do exterior e também a homepages residentes em milhares de computadores interligados pela Internet.

O cenário proveniente da conjunção dos dois vetores de mudanças descritos anteriormente -- a globalização da economia e a evolução da tecnologia -- é promissor. Entretanto, uma variável básica é necessária, qual seja a expressão individual, a força do poder de influência do ser humano.

O triunfo do indivíduo está conectado a algo fundamental nesse cenário prospectivo que é a capacidade de agregação de conhecimentos a bens e serviços. As nações que não dispuserem de grandes reservas desta competência terão enormes dificuldades para

se integrar essa nova civilização. E o único meio de fazê-la florescer na intensidade e qualidade desejada é através da educação e da construção de uma sociedade mais empreendedora e democrática, voltada para a plena realização do ser humano. Como vemos, e aqui ousou citar meu colega e eminente amigo professor Bautista Vidal, "a universidade, estrutura básica das sociedades industrializadas contemporâneas, é parte essencial de seus instrumentos de saber e inteligência. Além de sua função de criar, preservar e transmitir conhecimentos, ela é o canal diferenciado de obtenção de respostas às demandas sócio-políticas, culturais, filosóficas, históricas, científicas e tecnológicas dessas sociedades, como reflexo direto das necessidades e aspirações de seus povos, quaisquer que sejam os sistemas ideológicos predominantes".

Sei que, nesse momento estarei assumindo a direção de uma unidade de suporte acadêmico num contexto histórico bem difícil. A universidade brasileira vivencia crises crônicas e agudas, estruturais e conjunturais, em ressonância à crise político-econômico-social em que o Brasil está mergulhado. Entretanto, não podemos esmorecer e deixarmos levar por um pessimismo terminal. É quase um chavão dizer que a universidade está em crise, porém, é bom lembrar que palavra "crise" em grego também significa "oportunidade". Se as nossas universidades são realmente necessárias na sociedade brasileira, então a presente "crise" é o momento de ruptura com os padrões tradicionais exigindo um movimento de reestruturação. Portanto, as universidades brasileiras, e a UnB em especial -- sob o comando do Professor Lauro Morhy -- devem se reestruturar para sobreviverem e se redefinirem em diferentes linhas; linhas essas muitas vezes até inimagináveis no passado.

Ao longo dos anos as bibliotecas universitárias tem refletido o desenvolvimento das faculdades e universidades das quais elas fazem parte. Essas bibliotecas, parte integrante das instituições que elas servem, modelam suas coleções e serviços para atender as necessidades dos programas de uma instituição em particular.

A suposição básica que governa o crescimento e desenvolvimento das bibliotecas universitárias é que elas possuem um importante e crítico papel na vida de uma academia. Prova disto é que se ouve dizer que "a biblioteca é o coração da universidade", ou mesmo de que "uma universidade é uma biblioteca cercada de salas de aulas"! Concordemos ou não com essas assertivas, talvez um pouco românticas, é interessante notar que se observa, sem

sombra de dúvidas, que dentro da estrutura das melhores universidades existe, invariavelmente, uma biblioteca de porte, não somente em termos de acervo, mas também em termos de produtos e serviços oferecidos para aquela comunidade universitária.

Os objetivos básicos da biblioteca universitária tem sido o de oferecer a aqueles que constituem sua clientela uma coleção geral e especializada e uma assistência ao uso dessas fontes de informação, com intuito de se atingir as metas preconizadas nos programas de ensino, de pesquisa e de extensão. Entretanto, o atingimento dos objetivos básicos nem sempre é uma tarefa simples e fácil. No caso brasileiro, por exemplo, é público e notório de que a situação nacional não é boa. Contudo, acredito que as coisas não estão tão ruins como pensamos que elas sejam, e, com a aplicação da inteligência e energia é possível impedi-las de que se transformem em situações piores. Uma coleção fraca ou mesmo a obsolescência tecnológica de uma biblioteca podem obstruir ou afetar o ensino e a pesquisa feitos numa universidade.

Administrar numa época de escassez exige inteligência e compartilhamento dos sacrifícios por todos os segmentos de uma universidade. Exige também senso de audácia no sentido de se buscar, externamente, novas parcerias e fontes de recursos para que a qualidade do serviço não seja degradada. Como também exige a aplicação de novas tecnologias que possibilitem o acesso a redes nacionais e internacionais, bem como a utilização de técnicas de gerência para otimizar e ampliar os recursos informacionais existentes.

Ao assumir, pela segunda vez, a direção da Biblioteca Central, proponho a todos -- funcionários, professores e alunos da UnB -- que, juntos, possamos enfrentar os novos paradigmas que estão sendo colocados pelo mundo digital. Acredito que, nos próximos anos, a nossa BCE deva ser centrada no usuário e não nas quatro paredes de nossas instalações físicas; deva ser centrada na facilitação do acesso e aprimoramento dos seus produtos e serviços; deva manter o foco na nossa UnB, porém permitindo também o acesso de outros usuários, a nível global, pois, por meio da Internet a BCE muito poderá ajudar na criação da UnB Virtual.

Quando, em abril de 1985, assumi a BCE pela primeira vez, lembrei que a nossa Biblioteca Central já ocupou um preponderante papel no setor de bibliotecas universitárias brasileiras, sendo pioneira em inúmeros processos e atividades. Este pionerismo foi

fruto de muito esforço de dezenas de funcionários que por aqui militaram desde 1962. Esses funcionários são a memória viva desta biblioteca. Agora, conclamo a todos os atuais funcionários para que, juntos, possamos melhorar, ainda mais, a nossa querida BCE. Espero que, com nossas experiências, entusiasmo e dedicação, aliados com o suporte da administração superior e de outras unidades que compõem a nossa UnB, se possa promover e motivar uma real expansão da nossa unidade, possibilitando assim um ambiente informacional propício à transmissão e aprofundamento dos conhecimentos, onde a liberdade de expressão e de pensamento seja compartilhada por todos os agentes do processo educacional.

(Muito obrigado)